

José Manuel Vasconcelos*

**Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto.
A caminho da fusão da Medicina com a Cirurgia.
Etapas da afirmação institucional de uma profissão¹.**

Introdução

Quando se intenta construir uma perspectiva globalizante sobre o que foi o percurso do saber e da prática da Medicina em Portugal desde que o país se constituiu como monarquia independente até tempos bem mais próximos de nós, aos quais o nome da cidade do Porto pode ser associado numa posição demarcada, pela criação régia de escolas dedicadas ao seu ensino, em 1825 de Cirurgia e em 1836 de Medicina e Cirurgia, surgem-nos alguns nomes de autores que é mandatário consultar. De todos, sobressai Maximiano Lemos (1860-1923) que, desde 1881, data em que apresentou e defendeu perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto a tese intitulada *A Medicina em Portugal até aos fins do século XVIII* (Tentativa histórica) como acto de conclusão da sua formatura, e até ao fim dos seus dias, manteve um aceso interesse por esta temática². De acordo com esse autor, houve um atraso nas ciências médicas em Portugal no século XVII, em particular no estudo da Anatomia, sendo que «No século XVIII tentámos reganhar o perdido e lançámo-nos, em matéria científica, num trabalho desordenado e febril para acompanhar pelo menos o movimento que se efectuava no estrangeiro», traduzindo-se, no que à Medicina diz respeito, na criação das academias científicas, no aparecimento do jornalismo médico e nas reformas introduzidas no ensino cirúrgico em Lisboa e no ensino médico em Coimbra³.

Levando em conta a leitura adiada do texto referido e juntando-lhe o que Salvador Dias Arnaut, sinteticamente deixou escrito, «A Faculdade lançava bacharéis, licenciados, doutores em Medicina no País. A cirurgia era extra-universitária. Aprendia-se fora da Universidade – o que não impedia que um médico pudesse também ser cirurgião»⁴, consubstancia-se a ideia de que ambos os saberes eram ensinados em diferentes instituições e corriam como duas vias de saber frequentemente paralelas. «Em 15 de Maio de 1492 D. João II fundou o grande Hospital de Todos os Santos, e D. Manuel, talvez em 1504, instituiu lá o ensino da Cirurgia. Elevando o

* Médico Neurologista e Doutorando em História pela Universidade do Porto (1949-2014).

¹ Este artigo consubstanciou a submissão de um projeto de tese de doutoramento em História à FLUP, em Julho de 2013. Os editores agradecem a Rosa Capelão o contributo dado na revisão formal do texto e sua adequação às normas editoriais da “História – Revista da FLUP”

² Hernani Monteiro, “Biografia de Maximiano Lemos” in *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, Vol. II, ed. Maximiano Lemos (Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 1991), 301-315.

³ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, 2 vols. (Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 1991), Vol. II, 9, 59.

⁴ Salvador Dias Arnaut, “A Medicina” in *História da Universidade em Portugal*, Vol. I (1290-1536), ed., Comissão Nacional para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 300.

seu ensino, simultaneamente o unia mais à Medicina de raiz universitária»⁵. Pelo que fica dito se percebe que a respectiva prática estava na mão de indivíduos diferentes, cuja habilitação era concedida ou pelo Físico-Mor, cuja primeira determinação é de D. Afonso IV e data de 22 de Fevereiro de 1392⁶, ou pelo cirurgião-Mor, com regimento dado por D. Afonso V em 1448⁷.

I Parte. Contextos compreensivos

1. A Medicina europeia ao longo dos tempos

De acordo com António Nunes Ribeiro Sanches, o exercício da Medicina terá sido conjunto ao da Cirurgia desde o seu nascimento até ao século VII, altura em que surgiram, além dos médicos, os cirurgiões e os boticários. Segundo o mesmo autor, com a queda do Império Romano e a tomada das escolas de Medicina de Alexandria pelos Árabes e as de Roma e da Grécia pelos Povos Bárbaros, a Medicina ficou na posse dos eclesiásticos, impedidos pela sua disciplina do derramamento de sangue e logo da prática cirúrgica e conseqüente aprendizagem da Anatomia. Como a superstição proibia aos árabes a abertura dos cadáveres, estes apenas puderam reter as noções anatómicas transmitidas pela leitura das obras de Galeno por eles traduzidas para a língua própria⁸. De acordo com este autor, pelas razões expostas, os eclesiásticos e judeus formados nas escolas árabes de Córdova, Toledo, Fêz, na de Salerno e na de Montpellier foram os médicos até ao século XIV.

Se nos primeiros séculos da Idade Média a Medicina foi conventual, as razões assentam também no facto de que, em tempos de frequentes conflitos bélicos, era à volta daquelas instituições que se estabeleciam os hospitais para cuidar dos feridos e era entre os clérigos que circulava a literatura médica, uma vez que eram eles dos poucos a saber ler, nomeadamente o grego⁹.

No entanto, com o avançar dos tempos, persiste uma medicina laica enraizada nas tradições romanas e no ensino dos clássicos a par daquela¹⁰. Em Salerno existirá desde o século IX até ao XIV uma escola de Medicina, a funcionar em moldes idênticos aos da hipocrática de Cós, que sendo laica procurava não entrar em oposição com a eclesiástica, tal como a de Monte Cassino¹¹.

Aí se praticou a dissecação anatómica em porcos, se escreveu a primeira obra de cirurgia digna desse nome, em italiano, e se preparou uma classe de médicos laicos que vão desempenhar um papel de relevo durante a Renascença, ao lutar contra a Escolástica, na preparação de uma Medicina nova¹².

Os surtos de peste, iniciados em Itália em meados do século XIV, vão também contribuir para o desenvolvimento da literatura médica, em especial a dedicada ao tema e aos modos do seu combate, assim promovendo a consciência da necessidade de uma defesa individual e social, ideia contrária ao princípio teúrgico e escolástico vigente, imputando à divindade a origem de todo o bem e de todo o mal e preconizando a resignação e a oração como o único remédio¹³.

A rápida evolução dos estudos médicos nas Universidades italianas é comparativamente

⁵ Salvador Dias Arnaut, "A Medicina", 302.

⁶ *Ibidem*, 295.

⁷ M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa* (Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947), 50.

⁸ António Nunes Ribeiro Sanches, "Método de estudar e aprender a Medicina" in *Obras*, Vol I. (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959), 49.

⁹ A. Castiglioni, *Histoire de la Médecine* (Paris: Payot, 1931), 247, 248.

¹⁰ *Ibidem*, 250.

¹¹ *Ibidem*, 251, 252.

¹² *Ibidem*, 263, 266.

¹³ *Ibidem*, 292-294.

menos evidente, devido ao desenvolvimento considerável das escolas de Medicina a Ocidente, em particular em França, em Espanha e em Portugal¹⁴. No século XVI, ainda marcava posição de destaque a obra do português Pedro Hispano, mais tarde papa João XXI, intitulada *Thesaurus pauperum*¹⁵, mas será ainda em Itália que a partir do século XIV se assiste ao renascimento da Medicina a partir da Anatomia, num movimento paralelo ao da Arte, exemplificado no trabalho de Leonardo da Vinci¹⁶.

A educação formal dos médicos, associada às universidades, esteve até ao século XVIII separada dos cirurgiões, os quais possuíam as suas próprias corporações, onde a aprendizagem e o treino prático eram enfatizados relativamente aos livros, coincidindo este último período com a passagem do comando dos hospitais para os municípios, abandonando o carácter de hospícios entregues aos cuidados dos religiosos e aceitando a participação de professores e a prática dos estudos anatómicos e do exame físico do corpo, enaltecendo o valor da aprendizagem do uso das mãos tanto para médicos como para cirurgiões¹⁷. No entanto, vir a ser um médico era apenas uma etapa de um processo complexo, composto de diversos elementos determinados socialmente, todos contribuindo para o contrato médico-doente, não sendo o simples facto da posse do grau garante da licença do exercício¹⁸.

No passado, médicos e cirurgiões-barbeiros tiveram de competir com outros agentes curadores, incluindo bruxas, parteiras, charlatães, curandeiros e adeptos de práticas médicas alternativas, constando da história da profissionalização médica a passagem dos cuidados de saúde pluralistas a um monopólio de uma poderosa ortodoxia¹⁹.

Será durante a Renascença que a cirurgia começa a ser considerada uma actividade digna de ser praticada pelos médicos, primeiro em Itália e depois em França, sendo-lhe associado até finais do século XVI o ensino da Anatomia, considerada por todo o lado como fazendo parte do currículo do ensino médico, construindo-se os primeiros Teatros Anatómicos (Pádua e Bolonha)²⁰.

Todavia, apesar do prestígio que algumas Universidades mantinham, devido aos seus professores ilustres, os alunos começam a procurar outros locais para aprender, nomeadamente na Europa do norte, crescendo o poder concorrencial de Leyden, Paris e Montpellier, organizando-se os professores em colégios sólidos, capazes de fornecer um programa de ensino teórico-prático a partir da observação directa do doente, perdendo-se o poder das corporações de estudantes com influência na escolha dos mestres²¹.

É uma época em que, apesar de já existir um número razoável de médicos com conhecimentos, ainda não se pode dizer que houvesse uma Medicina científica, sendo que, com o reconhecimento da colaboração estreita entre a medicina e as ciências naturais, em finais do século XVII, são projetadas as linhas essenciais do grande edifício da ciência médica experimental, tornando-se a cirurgia gradualmente uma arte de igual dignidade à da medicina, abandonando a prática da anatomia às mãos dos cirurgiões e dos barbeiros para se tornar uma ciência exacta, merecedora do maior respeito dos médicos²².

É esse o tempo do aparecimento das Academias, instituições paralelas das Universidades,

¹⁴ *Ibidem*, 285, 286.

¹⁵ *Ibidem*, 289.

¹⁶ *Ibidem*, 337, 338.

¹⁷ Jacalyn Duffin, *History of Medicine: A Scandalously Short Introduction* (Toronto: University of Toronto Press, 2010), 132.

¹⁸ *Ibidem*, 136.

¹⁹ *Ibidem*, 137.

²⁰ A. Castiglioni, *Histoire de la Médecine*, 381- 382, 397- 398, 461- 462.

²¹ *Ibidem*, 460.

²² *Ibidem*, 464,470- 471.

berço das futuras associações científicas e dos primeiros jornais literários, publicados em Paris, Roma, Parma e Veneza, precursores dos jornais científicos, tudo contribuindo para o que será a medicina moderna²³.

Será no decorrer do século XVIII que o cirurgião francês La Peyronie vai conseguir, em 1731, levar adiante a separação definitiva dos barbeiros, só mais tarde alcançada na Alemanha, impulso que o levará a ser um dos fundadores da Academia Real de Cirurgia²⁴.

Ao longo desse período, o médico abandona o interesse pela Alquimia e a Astrologia, dedicando-se apenas à Medicina, não confundindo essa profissão com a dos filósofos, e passando a ter um programa regular de ensino confiado a professores encarregados, as mais das vezes, de mais de uma disciplina²⁵.

Apesar da presença de um número considerável de empíricos, assiste-se a um aumento do número daqueles médicos cujos conhecimentos assentam em bases científicas, começando a Medicina a diferenciar-se em diversos ramos, aos quais é reconhecida uma idêntica dignidade, todos aceitando como verdade fundamental que os estudos anátomo-patológicos e patológicos devem constituir a raiz e o início de todo o estudo médico²⁶.

A Medicina europeia teve pois uma evolução ao longo dos séculos que não foi contínua e semelhante em todos os centros onde o seu ensino era praticado e de onde irradiavam os conhecimentos mais actualizados.

Os livros tiveram um papel preponderante como veículo da construção e circulação do saber médico ocidental, podendo-se afirmar que a esta área do conhecimento científico está associada a mais antiga e a mais vasta cultura literária, sendo aqueles as principais fontes de análise dos seus historiadores²⁷.

Essa mesma cultura literária médica é rica quanto à utilização de géneros literários, nos quais pontificam os comentários e epítomes, mas também os *aforismas*, as *disputationes*, as *curationes*, as *observationes*, as *materia medica*, os regimes de corpo e os tratados anatómicos, tendo a Medicina, ao contrário de outras áreas do saber científico, desde muito cedo uma implantação profissional e institucional²⁸.

O século XVIII representou um período distinto de mudança na história da civilização em geral e da Medicina em particular, durante o qual surgiram verdadeiros arquitetos de novos edifícios do pensamento que, para esta, constituíram sistemas ou correntes preocupados em explicar as questões mais importantes da vida, levando em consideração as descobertas da ciência e os resultados experimentais e que, assim fundamentados, ditaram as leis de novas formações ou factores, muitas vezes originados em especulações metafísicas que se acreditava provirem de dados positivos, substitutos dos valores considerados negligenciáveis²⁹.

Dos diversos criadores de novos sistemas médicos, um nome sobressai, Hermann Boerhaave, médico em Leyden, o mais considerado no seu tempo e nos que se seguiram. Considerado o mestre dos sistemáticos, será o primeiro médico dos tempos modernos a ser apelidado, com plena justiça, de discípulo de Hipócrates, na medida em que concentrava a sua atenção na observação do doente, numa tentativa de elaborar conclusões tão claras, tão simples quanto possível para somente depois construir teorias, o contrário do que era a prática até então. A sua visão eclética

²³ *Ibidem*, 471.

²⁴ *Ibidem*, 510, 512

²⁵ *Ibidem*, 534, 535.

²⁶ *Ibidem*, 543.

²⁷ Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso, eds., *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)* (Lisboa: Colibri, 2011), 13-14.

²⁸ *Ibidem*, 20, 27.

²⁹ A. Castiglioni, *Histoire de la Médecine*, 474, 475.

da Medicina³⁰, a sua crença no poder do conhecimento e da prática cirúrgica para o médico, concentrado num dos seus *aforismas*, e do conhecimento da Medicina para o cirurgião³¹, podem ser considerados como os primeiros passos, com fundamento, da junção da Medicina e da Cirurgia no ensino e na prática médica. A propósito deste ilustre médico, vem a talho de foice referir que D. João V o convidou para vir ensinar Medicina em Lisboa³².

2. O ensino e a prática da arte de curar em Portugal

Munidos desta panorâmica muito geral do que foi a evolução da Medicina além-fronteiras até ao século XVIII, apontado no início do presente texto como um marco de tentativa de recuperação, entre nós, do atraso previamente sofrido em matéria de ciências médicas, é tempo de prosseguir a trajectória, agora centrada no território nacional.

No tocante ao ensino da Arte de Curar em Portugal, abrangendo o conjunto das actividades dos médicos e dos cirurgiões, compete dizer que, para a Medicina, o seu início teve origem no Mosteiro de Santa Cruz pela mão de D. Mendo Dias, clérigo e sobrinho do prior dessa instituição, que, estando em Paris a estudar Teologia, satisfaz as instruções de seu tio e aí aprendeu o que posteriormente veio a ler entre nós³³. Neste processo foi preponderante a acção de D. Sancho I, através da atribuição de uma importante quantia para custeamento das despesas originadas com a deslocação e o estudo.

A partir de 1290, esse ensino passa a ser autorizado e efectuado a nível universitário pela bula de 9 de Agosto do papa Nicolau IV, reconhecendo-lhe D. Dinis o seu interesse, em 15 de Fevereiro de 1309 e sendo Mestre Estêvão o 1º lente citado, em 10 de Outubro de 1314³⁴.

Quanto à Cirurgia, a par de um método ancestral e de raiz mais popular, consistindo na transmissão pessoal de conhecimentos, muitas vezes de pais para filhos, associado a uma habilidade manual pessoal, há, a partir de 1504, a criação de uma escola, a 1ª entre nós, no Hospital de Todos os Santos em Lisboa por vontade de D. Manuel³⁵, e no Hospital da Misericórdia do Porto, durante o reinado deste mesmo rei³⁶. Os hospitais militares foram também locais de ensino e aprendizagem desta arte, dadas as suas características de atendimento preferencial aos feridos de guerra, tendo em 1789 sido criada uma Aula de Anatomia e Cirurgia no Hospital de Chaves, exemplo copiado em Tavira, Elvas e Porto³⁷. O Hospital Inglês do Porto foi também uma importante escola de cirurgia, aí tendo estudado e trabalhado Manuel Gomes de Lima Bezerra, nome relevante do plano cultural da cidade no decorrer do século XVIII³⁸. Ainda a propósito do ensino da Cirurgia, convirá acrescentar que em 1557 a Universidade de Coimbra viu ser criada a respectiva cadeira, na sequência da reforma dos estudos aí desenvolvidos e pela vontade de S. João III, que para o efeito contratou em 1556 o médico de Granada, Afonso Rodrigues de Guevara para vir ensinar Anatomia, efectivando-se a desanexação destes dois ensinamentos em 1621³⁹. A permanência deste médico em Coimbra foi de curta duração, já que cinco anos depois era chamado a ensinar Anatomia no Hospital de Todos os Santos, onde acabou por deixar dois discípulos cirurgiões, António da Cruz e António Ferreira, autores de duas obras de cirurgia que

³⁰ *Ibidem*, 506.

³¹ António Nunes Ribeiro Sanches, "Método de estudar e aprender a Medicina", 50, 51.

³² Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. II, 59.

³³ *Ibidem*, Vol. I, 18, 19.

³⁴ Salvador Dias Arnaut, "A Medicina", 286, 287.

³⁵ *Ibidem*, 302.

³⁶ Hernâni Monteiro, *História da Cirurgia Portuense*, (Porto: Araújo & Sobrinho, 1926), 1.

³⁷ *Ibidem*, 64.

³⁸ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol II, 94.

³⁹ *História da Universidade em Portugal*, Vol. II (1537-1771), 844.

irão constituir leitura obrigatória de quem quisesse praticar essa arte⁴⁰. Todavia, a orientação eminentemente teórica do ensino universitário assente na leitura de textos clássicos, a reduzida ou mesmo ausência da prática da dissecação anatómica no cadáver, a falta de ligação ao hospital para a observação e seguimento dos doentes e o desentendimento e concorrência entre as direções da Universidade e as individualidades à frente dos cargos de Físico-Mor e Cirurgião-Mor, fizeram com que o ensino da Cirurgia fosse sempre deficiente e descurado em Coimbra e realçado em Lisboa.

Entre nós, o poder régio esteve sempre presente, através de legislação que estabeleceu quer para o ensino quer para a prática da arte de curar. Os monarcas tiveram em mente a defesa do interesse público através da preservação da saúde das populações para o que requeriam profissionais competentes, bem adestrados e legalmente admitidos ao desempenho das suas funções no território em que exerciam o poder⁴¹. Ter-se-á de recuar a D. Afonso IV, e a 1338, para encontrar a primeira disposição representativa desta preocupação, mandando examinar pelos seus físicos todos aqueles que quisessem exercer a profissão de médico, cirurgião e farmacêutico⁴².

Não se pense que políticas destas não eram exercidas noutros reinos europeus, pois já em 1140, Rogério II da Sicília as havia disposto, posteriormente acrescentadas em 1240 por Frederico II, da obrigatoriedade de frequência de um ano de prática, sob a orientação de um médico de competência comprovada, e aprovadas em 1272 por Jaime I de Aragão, que a pôs em acção em Montpellier e seu território, onde desde 1239 era condição necessária para o exercício da profissão o exame universitário e um estágio de seis meses⁴³.

No que diz respeito ao ensino médico na Universidade portuguesa, a primeira disposição régia tendente ao controlo dos estudos naquela instituição foi expressa pela Carta Magna de Privilégios de D. Dinis (1309)⁴⁴. A partir desse documento, tido como correspondendo aos primeiros Estatutos da Universidade, foram apresentadas diferentes versões até à Reformação de 1612 (exemplo pioneiro que antecede disposições semelhantes em França e em Inglaterra) que será a base dos Estatutos Velhos, confirmados em 1653 por D. João IV e que vigorarão até 1771⁴⁵.

O Hospital de Todos os Santos teve, a partir de 1504, 19 de Fevereiro, o seu primeiro regimento⁴⁶, cujo texto continha uma simples disposição que previa a obrigatoriedade do cirurgião interno fazer a leitura diária de uma lição de anatomia a dois ajudantes, ensino esse de que foi praticamente o monopolizador até ao século XIX em Portugal⁴⁷.

Apesar das disposições régias que já havia para o ensino da Medicina, continuava a haver por cá um número substancial de indivíduos que ainda no tempo de D. João I exerciam a arte sem conhecimento adequado da mesma, o que levou esse monarca a estabelecer a 1ª disposição legislativa em relação ao seu exercício pela sua carta real de 28 de Junho de 1392, mediante a qual e após exame de aptidão perante o físico-mor, seria passada uma Carta, documento que

⁴⁰ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. II, 12-13.

⁴¹ Iria Gonçalves, "Físicos e Cirurgiões Quatrocentistas. As Cartas de Exame", *Do tempo e da História*, (nº1, 1965), 69-112.

⁴² Salvador Dias Arnaut, "A Medicina", 295, 296.

⁴³ Iria Gonçalves, "Físicos e Cirurgiões Quatrocentistas", 71.

⁴⁴ Luís A. de Oliveira Ramos, "A Universidade de Coimbra" in *História da Universidade em Portugal*, Vol. II, (1537-1771), ed., Comissão Nacional Para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 382.

⁴⁵ Fernando Taveira da Fonseca, "A Medicina". In *História da Universidade em Portugal*, Vol. II, (1537-1771), ed., Comissão Nacional Para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 841- 844.

⁴⁶ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 63.

⁴⁷ M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, 100.

habilitaria o seu possuidor para a referida profissão⁴⁸.

A cirurgia só em 1448, 25 de Outubro, terá a primeira disposição relativa ao seu exercício, estabelecida pela vontade de D. Afonso V, documento que passa a constar como Regimento do cirurgião-mor e pelo qual se tornava obrigatória, a quem quisesse exercer a cirurgia entre nós, a posse de uma Carta, obtida após aprovação em exame de aptidão perante esta entidade⁴⁹.

Tanto o físico-mor como o cirurgião-mor, cargos criados numa tentativa de controlar o exercício ilegal da Medicina, a velar pelo brio e regularidade da profissão através do exame de pretendentes à mesma e da passagem de Cartas, foram dotados de amplos poderes, de tal modo que acabaram por ser alvo dos seus exageros, ora num sentido ora noutra, manifestados pelo povo em Cortes, por exemplo em Évora, em 1436, e em Coimbra, em 1472⁵⁰.

Até à sua expulsão ou reconversão, em 1497, a prática da Medicina estava na mão, também, de grande número de judeus que a exerciam de modo livre, inclusivamente na Corte, assente nos ensinamentos de Galeno⁵¹. A Medicina lusa deve muito a estes profissionais fazendo parte da população judaica, havendo já no século XII alguns de reconhecido mérito que deixaram obras de valor⁵². Nas palavras de Maximiano Lemos, autor de que nos vimos socorrendo, «... a medicina foi uma das ciências que mais estudaram e a que deram maior desenvolvimento», levando-a ao seu máximo esplendor no século XVI, muito pela forma como engrandeceram a medicina árabe que despiram das superstições grosseiras que aqueles lhe haviam acrescentado e que nada aproveitava a estes⁵³. Ao século XVI ficam para sempre associados os nomes de Amato Lusitano, João Rodrigues Castelo Branco (1511-1568), Rodrigo de Castro e de Garcia de Orta (1500- ca. 1568), cujos trabalhos e contribuições para a ciência médica universal, desnecessário se torna realçar. À transição deste século para o seguinte se deve associar o nome de Zacuto Lusitano (1575-1642). Ribeiro Sanches (1699-1783) será o grande representante português da medicina judaica para o século XVIII, ao qual se deve acrescentar o nome de Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762). Muitos mais nomes poderiam ser mencionados mas julga-se que, apesar de sucinta, a presente enumeração, pela fama do seu labor alcançada além-fronteiras é suficiente para atestar o real papel que os médicos de origem judaica tiveram entre nós em áreas como a botânica médica, a anatomia, a ginecologia, a medicina legal, a deontologia e a história da medicina⁵⁴.

Em plena Época Moderna, a medicina estava associada na prática à magia, à alquimia e ao ocultismo, sendo vulgar em Espanha, França e Holanda o concurso das deduções astrológicas para a prescrição medicamentosa, situação fomentada em Portugal pelo impedimento da circulação dos trabalhos inovadores de autores como Paracelso⁵⁵. A sangria de profissionais médicos cristãos-novos com a instalação inquisitorial, persistiu no século XVII, encontrando-se deles em Hamburgo um notável agrupamento, tanto mais que ao progenitor ou familiar directo aí refugiado se acrescentavam outros elementos na continuidade de uma tradição de prática médica, presente nessas famílias⁵⁶.

Rodrigo de Castro, autor do primeiro tratado de ginecologia de que se tem conhecimento, considerava essencial o estudo e prática da cirurgia pelos médicos, o conhecimento das obras

⁴⁸ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 73.

⁴⁹ *Ibidem*, Vol. I, 74.

⁵⁰ Iria Gonçalves, "Físicos e Cirurgiões Quatrocentistas. As Cartas de Exame", 76.

⁵¹ Florbela Veiga Frade, Sandra Neves Silva, "Medicina e política em dois físicos portugueses de Hamburgo", *Sefarad*, (serie 1, vol. 71, 2011), 51-94:52.

⁵² Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 82.

⁵³ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 82-83.

⁵⁴ Florbela Veiga Frade, Sandra Neves Silva, "Medicina e política em dois físicos portugueses de Hamburgo", 53.

⁵⁵ *Ibidem*, 54.

⁵⁶ *Ibidem*, 57.

médicas clássicas de Galeno e Hipócrates e outros autores, uma cultura vasta contando com a temática de cariz político, enfatizando a capacidade do médico intervir a outros níveis que não o estrito do corpo⁵⁷.

3. A Medicina em Portugal no século XVIII

Entre nós, e à entrada deste período, a situação do ensino e da prática das artes médicas, ainda padeciam das marcas do passado, pouco acompanhando o que se passava no resto da Europa, assente em profissionais pouco instruídos e tecnicamente mal preparados, pertencendo a grupos diversos, estando o ensino oficial daqueles que nos importam, os médicos e os cirurgiões, sediados na Universidade de Coimbra e no Hospital de Todos os Santos de Lisboa, respectivamente.

No Porto, estes últimos, e só eles, poderiam fazer a sua formação nos Hospitais da Misericórdia, Militar e Inglês, como foi o caso de Lima Bezerra.

Acima de tudo, o que preponderava era a falta de uniformização entre ambos os ensinamentos e práticas, tendo-se perdido a visão una de quem estava doente e procurava auxílio.

Apesar da boa preparação cultural e científica dos médicos portugueses em geral e dos cristãos-novos em particular, tornadas possíveis pela manutenção da tradição e dos conhecimentos clássicos e de alguma abertura aos avanços da «arte» sem o desprezo pelo saber de experiência feito, a introdução do livro impresso em 1455⁵⁸, a limitação ou oposição total à ocupação dos ofícios públicos aos cristãos-novos na Península Ibérica, terão levado à fuga daqueles e ao impedimento do aparecimento de uma verdadeira nova escola⁵⁹. Acresce referir o papel do Tribunal da Inquisição, instituído em Portugal em 1536 na reprovação e controlo da publicação de livros e outros textos, especialmente das obras médicas estrangeiras, com destaque para as do inovador Paracelso, alvo semelhante do movimento congénere espanhol, o que obrigou à permanência das ideias galénicas por mais tempo⁶⁰.

Este panorama é-nos apresentado, na prática, por Ribeiro Sanches, para quem, quando alguém adoecia, aquele que era chamado em primeiro lugar para lhe acudir era o Cirurgião, pela proximidade e facilidade de acesso, dada a raridade dos médicos, nomeadamente na província, e o valor mais elevado dos seus honorários, o qual, sabendo ou não a causa do mal, se punha logo a sangrar, a purgar e a prescrever algo que julgasse adequado, ficando para mais tarde o recurso a estes últimos, quando a situação se complicava, a quem se ocultava o desenrolar do quadro patológico e a terapêutica já preconizada⁶¹.

O mesmo autor entendia tal metodologia e divisão de saberes como um sério prejuízo para o acto médico, numa perspectiva já muito aproximada à prática comum dos dias de hoje, em que o doente é visto como um todo e não como um corpo dividido em duas partes, interna e externa, sujeitas a diferentes patologias, alvo da atenção diferenciada do Médico e do Cirurgião, respectivamente⁶².

Do que foram esses tempos, vários são os registos chegados até nós, deixados por autores cujos nomes fazem parte da lista bibliográfica anteriormente elaborada e entregue com o texto do primeiro projecto de dissertação, que entrará na elaboração do trabalho que se tem em mãos.

No intuito de tornar o texto o menos fastidioso possível, tomar-se-á, como exemplos representativos desse conhecimento, as obras de Maximiano Lemos (1860-1923), Manuel

⁵⁷ *Ibidem*, 67, 69, 71, 90.

⁵⁸ Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso, eds., *Percursos na História do Livro Médico*, 13.

⁵⁹ Florbela Veiga Frade, Sandra Neves Silva, “Medicina e política em dois físicos portugueses de Hamburgo”, 54

⁶⁰ Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso, eds., *Percursos na História do Livro Médico*, 24-26.

⁶¹ António Nunes Ribeiro Sanches, *Obras*, 2 Vols. (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966), Vol. I, 50.

⁶² António Nunes Ribeiro Sanches, *Obras*, Vol. I, 50-51.

Ferreira de Mira (1875-1953), as quais vêm sendo utilizadas conforme as notas colocadas em rodapé, António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783) e Manuel Gomes de Lima Bezerra (1727-1806).

Ribeiro Sanches é um nome incontornável para quem desejar conhecer a questão do ensino, da prática e da repercussão da Medicina na preservação da saúde entre nós, uma vez que, obrigado a sair de Portugal em 1726, pertence-lhe uma das melhores, senão a melhor, visão do seu estado para o período temporal considerado⁶³, mantendo uma correspondência regular com nacionais que por cá se mantiveram, como João Mendes Sachetti Barbosa (1691-1762)⁶⁴ e Joaquim Pedro de Abreu⁶⁵.

Pertencem a Ribeiro Sanches as palavras escritas sobre [...] «todas...as... entidades que intervinham no tratamento dos doentes», as quais [...] «... ao lado dos médicos saídos da única Faculdade do País, a da Universidade de Coimbra, ... havia ... os cirurgiões mata-sanos ou incharcos, os barbeiros sangradores, os curandeiros idiotas, os algebristas, os boticários, as parteiras, os oculistas, os dentistas...»⁶⁶.

De Lima Bezerra, cirurgião, licenciado em Medicina na Universidade de Coimbra de 1764 a 1770, intelectual, académico, escritor e responsável pelo primeiro periódico médico português⁶⁷, adiante se falará.

Pouco se sabe do movimento de disseminação e consolidação da Revolução Científica e das Luzes em Portugal, mormente dos seus actores, das resistências encontradas e das suas formas de expressão, supondo-se que a razão assente no facto de o país ser periférico, se encontrar em declínio após os períodos áureos de Quatrocentos e Quinhentos e de a direcção que o novo conhecimento tomava ser antes orientada para os maiores países europeus, seus produtores maioritários⁶⁸. No século XVIII foi tentada a colocação do nosso país junto das reinos mais avançados da Europa, onde se produzia o conhecimento científico, fazendo-se entre nós a disseminação do mesmo através da educação⁶⁹.

O transporte dessas imagens associadas ao racionalismo e ao progresso, fazendo parte da Ciência, uma forma de expressão cultural, vai estar a cargo dos *estrangeirados*, intelectuais europeizados, fazendo parte de uma rede de indivíduos pertencentes a campos disciplinares diversos e a uma elite nacional composta de elementos do clero, membros da aristocracia, frequentemente ligados à carreira diplomática, médicos e oficiais do exército⁷⁰.

Apesar do seu discurso e do sistema de valores se concentrar na Ciência, esta não foi associada a uma filosofia de progresso a que a Sociedade se apegasse em grande maioria, permanecendo esses actores como um segmento dianteiro de uma rede de canais difusores, ambicionando a incorporação de Portugal numa nova trama de elementos cognitivos e epistemológicos⁷¹.

É sabido que este movimento se espalhou ao longo dos reinados de D. João V (1707 - 1750), D. José (1750 - 1777) até D. Maria I (1777 - 1792)⁷².

É por esse motivo que se vai assistir à criação e desenvolvimento de várias academias oficiais e privadas e à promoção de debates e encontros, em especial durante o reinado de D. João V, assim

⁶³ Maximino Correia, "Introdução", In António Nunes Ribeiro Sanches, *Obras*, Vol. I, XIII.

⁶⁴ Maximiano Lemos, "Amigos de Ribeiro Sanches", *Arquivo Histórico Português*, (Vol. 8,1910) 3-93.

⁶⁵ Sanches, «Obras», 133-147.

⁶⁶ Maximino Correia, "Introdução", In António Nunes Ribeiro Sanches, *Obras*, Vol. I, XIII - XIV.

⁶⁷ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 94 - 96.

⁶⁸ Ana Carneiro, Ana Simões e Maria Paula Diogo, "Enlightenment Science in Portugal: The *Estrangeirados* and their Communication Networks", *Social Studies of Science*, (série 4, vol. 30, 2000), 591 - 619.

⁶⁹ *Ibidem*, 592.

⁷⁰ *Ibidem*, 593.

⁷¹ *Ibidem*, 593.

⁷² *Ibidem*, 593.

como, e ainda, ao comprometimento dos *estrangeirados* na transformação do sistema de ensino, estendendo-se pelo reinado de D. José, levando à fundação do Colégio dos Nobres (1761), ao processo que fez surgir a reforma da Universidade de Coimbra (1772) e ao aparecimento da Real Academia de Ciências de Lisboa (1779), no reinando D. Maria I⁷³.

Estas figuras, promotoras e a quem pertence um relevante papel na reforma intelectual ou das mentalidades em Portugal, apesar da sua ascendência, vão estabelecer ligações com o estrangeiro, especialmente em Itália, França e Grã - Bretanha⁷⁴.

Ribeiro Sanches foi laço marcante na ligação que se estabeleceu a Leyden, a São Petersburgo e a Paris, onde viveu desde 1747 a 1783⁷⁵.

Jacob Castro Sarmento (1691 – 1762), refugiado em Londres desde 1721, foi o iniciador da difusão das obras de Francis Bacon e Isaac Newton, contribuindo assim para a abertura do país às conquistas e aos benefícios da ciência experimental⁷⁶.

Apesar de não ter completado a tradução do *Novum Organum* de Bacon, requerida por D. João V, foi com a *Teórica Verdadeira, das Mares conforme à Philosophia do Incomparavel cavalheiro Isaac Newton* dedicada ao marquês de Cascais que se tornou conhecido entre nós⁷⁷.

O seu nome será recordado pela sua ligação à Real Sociedade de Londres e à Real Academia Médica de Madrid, das quais era sócio, e à *Água de Inglaterra*, fármaco de que se apregoava inventor e cuja acção se dirigia aos sintomas da malária⁷⁸.

A criação de uma nova mentalidade em Portugal materializou-se por via da reforma do Marquês de Pombal, idealizada a partir dos escritos de outros autores dos quais será necessário registar os nomes de Frei Manuel do Cenáculo (1724 – 1814) e de Luís António Verney (1713 – 1792)⁷⁹.

A começar o presente texto ficou expresso que no século XVIII foram introduzidas importantes mudanças no domínio da medicina que contaram com a participação dos *estrangeirados*.

Abandonados os estudos anatómicos no decorrer do século anterior, é altura do seu renascimento com a criação de uma aula destinada ao ensino da Anatomia, separado da Cirurgia, em 1704, que, com a morte do seu professor, Luiz Chalbert Falconet, cinco anos mais tarde, vai aguardar pelo ano de 1721 para um novo restauro, pela mão do catalão António de Monravá e Roca (1671 – 1753)⁸⁰. Apesar da laboriosidade de que dera provas ao nível do ensino e da publicação de trabalhos, terminou a sua acção por decreto de D. João V que o aposentou em 1732, em virtude das animosidades que entretanto criara⁸¹.

Em sua substituição, foi chamado o italiano Bernardo Santucci, que se revelou um professor competente na prática e na escrita, publicando em 1739 um livro de Anatomia destinado a servir de texto nas aulas do Hospital Real, foco de acesa contenda com Monravá e Roca, autor do *Desterro critico das Falsas Anatomias Que Um anatómico Novo Deu á Luz* e que, desde esse ano e até 1744, procurou fundar a Academia Cirúrgica Ulissiponense, cujos estatutos não obtiveram a aprovação de D. João V, e que tinha por objectivos a promoção dos avanços em conhecimentos de Cirurgia, a apresentação de conferências e a realização de intervenções cirúrgicas e disseções

⁷³ *Ibidem*, 594.

⁷⁴ *Ibidem*, 597.

⁷⁵ Charles-Louis- François Andry “Précis Historique sur la vie du Docteur Sanches”, *Catalogues livres de Feu M. Ant. Nuñez-Ribeiro Sanches* (Paris, 1783) 1-25.

⁷⁶ Ana Cristina Araújo, *A Cultura das Luzes em Portugal: Temas e Problemas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2003), 62.

⁷⁷ *Ibidem*, 44

⁷⁸ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 29-130.

⁷⁹ Ana Carneiro, Ana Simões e Maria Paula Diogo, “Enlightenment Science in Portugal”, 601.

⁸⁰ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 63.

⁸¹ *Ibidem*, Vol. I, 63 – 64.

anatômicas pelos seus sócios⁸². Como não era homem de se apoucar, manteve o ensino e a publicação das suas obras, agora associado à Academia das Quatro Ciências, de funcionamento irregular até que a morte de Monravá sobreveio, em 1753⁸³.

Apesar do que fica escrito, o anatomista de que se vem falando parece ter tido alguma influência na filosofia portuguesa, a qual, em conjunto com estas disputas, serviu para despertar a classe médica portuguesa.

Os movimentos científicos de Medicina que se iam desenrolando além-fronteiras eram essencialmente universitários e o seu reflexo entre nós demorava a verificar-se, pois a Universidade portuguesa estava num estado lamentável de degradação, suscitando o aparecimento de trabalhos escritos, de autores como os já referidos, com realce para o *Verdadeiro Método de estudar* (1747) de Luís António Verney, onde eram feitas as mais graves acusações ao seu funcionamento⁸⁴.

4. Ventos de mudança

Era esse o estado da Medicina e da Cirurgia em Portugal no período de setecentos. Todavia, outros olhares existiam, agora a partir da cidade do Porto, com o despertar, em 1748, da Academia Cirúrgica Protótipo Lusitânica Portuense, a que se seguiram em 1749 a Academia Médico-Portopolitana e em 1759 a Academia Real Cirúrgica Portuense. Todas tiveram influência do esforço formador de Lima Bezerra. Apesar da sua curta duração, merece realçar o facto importante de que tiveram estatutos com aprovação régia, o que denota o interesse com que a sua criação era vista nas altas esferas, em pleno contraste com o que sucedera com as tentativas de Monravá e Roca em Lisboa, pouco tempo antes. A 2ª, sob a protecção do Arcebispo de Braga D. José, irmão do monarca, era composta por doze círculos e seis meios círculos abrangendo os territórios de Portugal e Espanha, da Europa, África, Brasil, Índia, Ilhas, e Marítimo, compreendendo este as naus, fragatas e galés de Portugal e Espanha a navegar ou estacionadas nos diversos oceanos, aos quais estavam associados diversos académicos, formando uma rede internacional⁸⁵.

A 3ª Academia referida teve como presidente o primeiro Cirurgião-Mor, que não era médico, mas sim um cirurgião e consultor de Anatomia teórica, António Soares Brandão. Propunha-se abrir aulas de Anatomia, Cirurgia e Obstetrícia, abrir um teatro anatómico (só conseguido em 1800), publicar compêndios de Anatomia e de Cirurgia e as Memórias que fossem apresentadas pelos sócios⁸⁶.

Com estas academias, surgiu pela primeira vez em Portugal um jornal médico, o *Zodiaco Medico-Delphico*, órgão oficial da primeira, a que se seguiu em 1764 o *Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc*, que, tendo tido uma saída de poucos números⁸⁷, veio dar uma imagem de modernidade e de actividade, em tudo semelhante ao que se passava lá fora, movimento iniciado no século XVII com a publicação em Paris do *Journal des Sçavants*, que Teofrasto Renaudot, médico e comissário geral dos pobres em França, vai aplicar no primeiro jornal político *La Gazette*, surgido em 30 de Maio de 1631⁸⁸.

⁸² *Ibidem*, Vol. I, 65.

⁸³ *Ibidem*, Vol. I, 65.

⁸⁴ M. Ferreira de Mira, *História da Medicina Portuguesa*, 193-194.

⁸⁵ Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal*, Vol. I, 163.

⁸⁶ *Ibidem*, Vol. I, 165.

⁸⁷ *Ibidem*, Vol. I, 168 – 169.

⁸⁸ A. Castiglioni, *Histoire de la Médecine*, 466.

II Parte. Projecto de investigação

O título escolhido para este trabalho, *Antecedentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto: A caminho da fusão entre a Medicina e a Cirurgia*, contém a ideia de que se pretende estabelecer um olhar sobre uma actividade – o exercício da Medicina, e um grupo profissional - os médicos, num período que antecede a criação institucional no Porto de programas de ensino contemplados na Régia Escola de Cirurgia, em 1825, e na Escola Médico-Cirúrgica, em 1836.

Ao longo do texto foi-se traçando a evolução do percurso da profissão que, tendo como origem a prática conjunta, num só interveniente, dos saberes de médicos e cirurgiões, passa por um longo período de separação, até que, no decorrer de setecentos, surgem correntes e actores que defendem a sua reunião, em prol do Homem, como indivíduo, e dos povos, como unidades, a que se associa a ideia de Nação.

Como se viu, Portugal também vai querer nessa época juntar-se ao pelotão europeu que havia tomado a dianteira há pelo menos um século antes. Da forma como se estabeleceu esse processo, foram já apresentados alguns tópicos, necessariamente centrados no panorama europeu, sede de um movimento que vai chegar até nós, focando-se em Lisboa e no Porto, para o caso da Cirurgia, e em Coimbra, para o da Medicina.

Sentia-se um ambiente de insatisfação no seio de alguns sectores da sociedade portuguesa, com queixas de parte a parte e críticas acesas ao modo de formação de Médicos e Cirurgiões, anteendo-se um espírito de mudança, temporariamente concentrado no Porto e tendo como base um movimento académico.

Sabendo-se que qualquer grupo, profissional ou social, constrói uma memória do seu passado, elemento base de um conjunto de características próprias que lhe permitem criar um reforço interno, diferenciar-se dos outros e torná-lo identificável, este estudo propõe-se aplicar este entendimento teórico ao caso particular dos médicos, numa análise da informação respeitante à sua formação, legislação a ela subjacente e ao modo de exercício/controlo da respectiva actividade. Contudo, como se acaba de verificar, a identidade do médico como hoje é entendido, quer entre nós, quer além-fronteiras, não estava ainda completamente formada, subsistindo uma outra categoria de agentes curadores, os cirurgiões, a crescer então em valorização como grupo, tanto a nível profissional como social, acabando os saberes de ambos, ainda de desconhecimento comum, por se intersectar, conduzindo mais tarde a uma nova figura, consistentemente formada e capaz de tomar em mãos a saúde do corpo humano enfermo, agora numa visão global.

Por esse motivo, há que atender a essas duas realidades, ainda presentes no dealbar de setecentos e que irá persistir por mais algum tempo, ainda que se esbocem tentativas de fusão de ambos os grupos num só. No intuito da sua plena identificação, baseados no que ambos os grupos construíram como prática, e como memória social e cultura de classe, será de identificar e analisar alguns indicadores em ordem a permitir a discussão da formação, competências, desempenhos e funções de cada um dos grupos, e de seguir, rumo à compreensão da formação e consolidação dos novos padrões de saber e de organização profissional, por forma a constituir um perfil comum aos dois grupos considerados.

Assim, ter-se-á que tomar como útil a pesquisa das práticas, das vivências quotidianas e dos usos, ainda que simbólicos, que os agentes de ambos os grupos realizam dentro das actividades comuns, inseridas nos espaços que frequentam, sabendo-se que, em conjunto, contribuem para a formação e a consolidação dessa identidade que os reconhece como grupos. Pertinente será também procurar identificar a consciência que ambos possuíam quanto à sua inserção num grupo socioprofissional e numa sociedade dada, e a imagem e valorização que esta lhes dispensava.

Retomando algumas ideias atrás expostas, convém resumir que o século XVIII português foi

de grande labor intelectual e político e que as ciências médicas quiseram seguir o mesmo rumo, não só nos locais onde o respectivo ensino estava sediado, Coimbra e Lisboa, mas também no Porto, aqui sob a forma de um movimento académico que ultrapassara as fronteiras e se ligara a instituições congéneres, através de uma rede de médicos e intelectuais que muito contou com os nacionais, anteriormente afastados por razões aparentemente de credo religioso.

Dos seus nomes e respectivas contribuições foram já feitas algumas apresentações, pelo que será de evitar um tratamento mais exaustivo, dadas as características do presente texto que tem por objectivo a apresentação de um projecto de trabalho, com vista à elaboração de uma dissertação de doutoramento.

1. A investigação: o que se sabe. Elementos disponíveis

A problemática esboçada, ainda que dizendo respeito a uma ciência, a Medicina, cuja prática esteve durante muito tempo nas mãos de diversos agentes com diversa formação e modos de exercício, não é de abordagem linear, nem pode ser feita com um único olhar, pois envolve muitas condicionantes que sofreram diferentes evoluções ao longo dos tempos e que motivaram influências mútuas. Leituras múltiplas e entrecruzadas são assim necessárias para o seu desenvolvimento. Apontam-se de seguida algumas dessas linhas de pesquisa bibliográfica e seus resultados preliminares.

Constituindo a prática médica uma actividade com interesse primordial na preservação e procriação do Ser Humano, desde tempos imemoriais passou a estar sob o supremo interesse de governantes e condutores de povos. Assim, torna-se necessário aceder a livros de História: de Portugal, pelas inevitáveis articulações do tema com a política, a cultura e as relações sociais coevas. No âmbito desta categoria, foram seleccionadas a *História de Portugal* conhecida como edição de Barcelos de 1928, direcção de Damião Peres como exemplo mais antigo, tendo tido a participação de autores ligados à Medicina, como Luís de Pina. Como representantes mais recentes deste tipo de obras, escolheram-se a que foi dirigida por José Mattoso, de 1997, e a *Nova História de Portugal*, edição de 2001, sob a direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Porque se está a lidar com memórias e prosseguindo rumo ao cerne do debate da questão levantada, é tempo de referir outro tipo de obras dedicadas à História: a da Universidade (portuguesa e europeia) e a da Medicina (essencialmente portuguesa e europeia, mercê do que existe e está acessível). Para o estabelecimento de ensino superior dedicado ao ensino médico, único em Portugal e em Coimbra, até à criação em 1911 de congéneres em Lisboa e no Porto, estão disponíveis as obras de Teófilo Braga, edição de 1892-1898, e a edição, em dois volumes, de 1997, comemorativa dos setecentos anos da mesma Universidade. Quanto à evolução da universidade europeia, foi possível aceder aos dois volumes que constituem a tradução portuguesa de *Uma História da Universidade na Europa*, edição de 1992, obra coordenada por Walter Rüegg e da iniciativa da Conferência Permanente de Reitores das Universidades Europeias. Em relação à história do ensino português na longa duração, surge-nos a obra escrita por Rómulo de Carvalho, numa 5ª edição de 2011. Em virtude da relevância alcançada pelo Hospital de Todos os Santos no campo da cirurgia e do exercício curativo, por exemplo no tratamento da sífilis, doença muito propagada e em que o mesmo era famoso, existem alguns textos inseridos em obras e em periódicos de acesso relativamente fácil, sendo de referir a obra *O Hospital Real de Todos os Santos da cidade de Lisboa* da autoria de Mário Carmona, em edição de 1954, e o trabalho *Do Hospital Real de Todos os Santos à História hospitalar portuguesa*, da autoria de Luís de Oliveira Ramos, inserto na Revista da Faculdade de Letras do Porto, II Série.

Ainda com relação às instituições do ensino, da prática da Medicina e da Cirurgia, é

necessário anotar o trabalho de José Silvestre Ribeiro com o título *História dos Estabelecimentos Científicos, Litterários e Artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, publicado em 18 volumes, editados de 1871 a 1893. Ao longo das suas páginas está patente muita da legislação que foi sendo publicada a propósito do ensino e da prática médicas. A este propósito, é de mencionar o acesso relativamente fácil e ordenado que a este propósito é oferecido pelo *Jornal de Coimbra*, o qual, ao longo de sucessivos números, publicou os trabalhos de António d'Almeida sobre esse tema.

A História da Medicina, propriamente dita, está representada, para o nosso país, pelas obras de Maximiano Lemos – *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, obra de 1991 em dois volumes, Manuel Ferreira de Mira – *História da Medicina portuguesa*, de 1948, J. A. Pires de Lima – *Epítome de História da Medicina Portuguesa*, de 1943, Augusto Silva Carvalho – *História da Medicina Portuguesa*, edição de 1928 e Germano de Sousa – *História da Medicina portuguesa durante a Expansão*, 1ª edição de 2013.

Com focagem no Porto e debatendo a questão do ensino médico e cirúrgico, há que ter em conta as obras de Maximiano Lemos – *História do ensino Médico no Porto*, edição de 1926, Hernâni Monteiro – *Origens da Cirurgia Portuense*, edição de 1926, Amélia Ricon Ferraz – *A Real Escola Médico-Cirúrgica do Porto*, 1ª edição de 2013, Jorge Alves – *Signo de Hipócrates: O Ensino Médico no Porto segundo Ricardo Jorge*, edição de 2003 e Jorge Alves e Marinha Carneiro – *Olhar o Corpo. Salvar o a Alma: História do Hospital Geral de Santo António e do Ensino e da Prática Clínica na Instituição*, edição de 2007.

Sendo o corpo humano o objecto sobre o qual é exercida a actividade de médicos e cirurgiões e tendo havido sobre o mesmo uma evolução de conceitos e mentalidades, natural se torna que haja um debruçar sobre o que está escrito sobre o mesmo, destacando-se os trabalhos de Jorge Crespo – *A História do Corpo*, em edição única de 1990 e de Cristina Azevedo Tavares (org.) – *Representações do Corpo na Ciência e na Arte*, edição de 2012, a obra *Arte Médica e Imagem do Corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*, editada em 2010 sob a coordenação de Adelino Cardoso, A. Braz de Oliveira e M. Silvério Marques, e ainda os textos sobre esse tema incluídos na obra *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*, editada em 2011, com organização de Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso. Esta última obra merece um destaque especial, uma vez que foi a primeira a debruçar-se sobre o livro, objecto que irá ter uma presença e um papel de relevo, desde a descoberta da imprensa, na evolução, no ensino e na transmissão dos conhecimentos médicos. Sobre as origens do livro, o destaque vai para a obra *O Aparecimento do Livro* de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, numa tradução portuguesa de 2000.

As publicações periódicas também têm merecido a atenção dos autores com teses publicadas em ambiente universitário – *A circulação de informação médica: análise da revista médica portuense «A Medicina Moderna»*, tese de mestrado de Andreia Reis, edição de 2009, e obras como a *História Literária do Porto através das suas publicações periódicas* de Alfredo Ribeiro dos Santos, 1ª edição de 2009.

O período temporal e cultural abrangido pelo trabalho proposto é o da implantação das Luzes em Portugal, daí que seja de fazer uma referência, de entre as diversas que poderiam ser feitas, à obra de Ana Cristina Araújo – *A Cultura das Luzes em Portugal: Temas e Problemas*, edição de 2003.

Tem-se falado de Academias, e sobre o tema podem-se citar as obras de João Palma Ferreira – *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, de Isabel Ferreira da Mota – *A Academia Real da História*, edição de 2003, e num registo mais clássico, a de Augusto da Silva Carvalho – *O culto de S. Cosme e S. Damião*, edição de 1928.

O período de Setecentos português mereceu a atenção de Hernâni Cidade, o qual lhe dedicou a obra *Ensaio sobre a Crise Mental do Século XVIII* e de Marie- Hélène Pwnik com a obra *Echanges erudits dans la Peninsule Ibérique 1750- 1767*, sendo esta de particular interesse, pois debruça-se sobre as Academias médicas portuenses que serão objecto da nossa análise.

Ainda sobre este mesmo assunto, há os trabalhos de Maria Luisa Malato Borralho – *O mito do legislador numa academia luso-espanhola*, Pedro Vilas Boas Tavares – *Experimentalismo, Iluminismo e Fisiocratismo na obra de um cirurgião moderno; Manuel Gomes de Lima Bezerra: O discurso ilustrado pela dignificação da Cirurgia* e O autor de “Os Estrangeiros no Lima”: vida e obra de um homem de ciência – todos citados em bibliografia final.

Sobre Lima Bezerra especificamente há outros trabalhos que poderiam ser citados mas, na impossibilidade de tornar a missão completa, vale a pena registar o de Júlio de Lemos - *O limianista Doutor Lima Bezerra*, talvez o mais completo sobre essa personalidade, para além dos já citados de Pedro Tavares.

Os diversos nomes das personagens científicas que farão parte do movimento portuense de Setecentos foram alvo de diferentes abordagens biográficas, cuja enumeração não vale a pena estar a fazer por ser trabalho fastidioso e constar de listas biográficas já conhecida. No intuito de exercer uma compreensão sobre o que o que era a prática corrente do estado da Medicina em outros estados, nomeadamente em Espanha, outras referências bibliográficas haverá que acrescentar a esta lista.

A Reforma Pombalina dos Estudos Médicos mereceu a atenção de João Pedro Miller Guerra e Amélia Ricon Ferraz e consta do enunciado do *Compêndio Histórico do Estado da Universidade* que terá estado na origem daquela reforma.

2. A investigação: questões, fontes e metodologia

Tendo por base o que se acaba de expor, estabelecido o processo metodológico a seguir para a realização do trabalho, assente na procura da identificação e caracterização, ao longo do tempo, das funções desempenhadas pelos dois grupos de agentes apostados no tratamento do corpo doente e na preservação da saúde do mesmo, delineando as diferenças e as semelhanças de que ambos estavam dotados, interessa perceber de que forma se comportavam em ambiente social e reproduziam o que haviam conservado como memória da sua profissão.

Assim, será dado o ponto de partida para uma análise documental disponível, em busca de resposta para algumas questões que foram surgindo. Poderemos estruturar as múltiplas questões a responder em torno de três vectores: regulamentação e estatuto legal; formação e exercício profissional; etapas e mecanismos de construção de uma profissão segundo novos moldes.

Enunciam-se algumas das questões que mobilizarão o nosso trabalho:

2.1.Regulamentação e estatuto legal

Como se processou o reconhecimento institucional, em particular legal e regulamentar, da profissão de médico, em contraponto com a de cirurgião, e quais foram os indicadores e os marcos que permitiram, ao longo do tempo, primeiro a sua diferenciação, depois a sua assimilação?

Que estatutos específicos e autónomos lhes estavam reciprocamente reconhecidos (a existirem)?

Acreditando na existência de uma estruturação interna progressiva inerente a cada grupo, de que base se partiu e quais os mecanismos utilizados para a sua unificação?

2.2. Formação e exercício profissional

Que funções, profissionais e sociais, permitem individualizar cada um dos grupos profissionais entre si e relativamente a outros, e de que modo isso pode ser aferido num percurso historicamente identificável em Portugal?

Que percepção da situação dos respectivos programas de ensino/aprendizagem tinham os membros de cada grupo? E do grupo afim?

Que influência exerceu a formação universitária sobre a questão do estatuto social atribuído a qualquer dos grupos e quais os reflexos de ambos os factores sobre as facilidades de aprendizagem e de exercício da profissão?

Quais os graus de literacia dos membros de ambos os grupos e em que obras fundamentavam a respectiva aprendizagem?

O conhecimento da anatomia do corpo humano a partir da observação directa em resultado da prática de disseções no cadáver é tido unanimemente como um marco de avanço primordial nos conhecimentos teóricos e práticos de ambos os grupos. No período temporal em estudo, qual era o estado do seu uso, a nível nacional, na Universidade de Coimbra e na cidade do Porto? Como se objectivava esse conhecimento?

Qual era a prática cirúrgica, nomeadamente no Porto, quais eram os seus agentes e qual era o seu conhecimento pelos médicos licenciados?

2.3. - Etapas e mecanismos de construção de uma profissão segundo novos moldes

Tendo em mente o que se acaba de escrever, e sabendo-se que estava em curso no século XVIII uma proposta europeia e nacional de profunda alteração da situação do exercício profissional médico, como se posicionam médicos e cirurgiões, até aí vistos como representantes, uns de uma formação universitária e os outros de um conhecimento empírico, face a um novo reconhecimento e valorização profissional e social da Cirurgia, rumo à assimilação num só corpo de ambos os saberes e práticas?

Como se processou a afirmação profissional de cada grupo e que lutas foi necessário travar para a sua efectivação?

Que propostas, teóricas e práticas, foram apresentadas para a melhoria da situação?

Como se estabeleceram ligações a outros actores com influência no movimento portuense de raiz académica e qual a sua influência, nomeadamente dos intitulados estrangeirados?

Estando em curso um movimento reformista que conduzirá em 1772 a uma alteração marcada, de ponto de partida central, dos programas de estudos nacionais, com ênfase nos estabelecidos na Universidade, que papel pode ser atribuído às Academias médicas portuenses de meados de Setecentos e aos seus intervenientes?

Que relação e que paralelismos podem ser encontrados com movimentos afins no contexto europeu?

Quem foram as figuras-chave, em Portugal, desses movimentos?

Quais as vias de propagação dessas novas propostas? Quais os fóruns de debate e quais as principais polémicas?

Que índices de (in)sucesso dessa luta pela dignificação social e profissional da Cirurgia e da tentativa de construção de um novo profissional, que resultasse da simbiose e articulação de duas tradições e estatutos até aí não convergentes?

Além do que se poderá extrair dos textos incluídos na Bibliografia, alguns dos quais terão de ser considerados e utilizados como Fontes, o material das fontes primárias a analisar no contexto

da realização do presente trabalho tem de ter em conta os quadros jurisdicional e normativo nos quais se desenvolvem as acções destes grupos profissionais, estabelecidos quer no que toca à aprendizagem, quer no que diz respeito ao exercício profissional.

Regulamentação régia, estatutos da Universidade de Coimbra, estatutos e orgânica do Hospital de Todos os Santos; estatutos e regulamentos dos Hospitais das Misericórdias são alguns dos núcleos documentais a analisar. A acção normativa e regulamentadora de Pina Manique deverá merecer particular destaque.

Ao longo do presente texto foi realçado o papel dos estrangeirados no movimento portuense de Setecentos e no movimento reformista despoletado em finais do mesmo período cronológico, pelo que é mandatário que se analise o que eles escreveram de modo original, o que mereceu a sua crítica e mesmo o que passou a constituir as suas biografias.

Daqueles, será preciso reter o que escreveram Ribeiro Sanches, Jacob de Castro Sarmiento (nomeadamente com as obras *Materia Medica e Teórica verdadeira das marés*), Luís António Verney, Rodrigo de Castro (nomeadamente com a obra *Medicus Politicus*) e outros, como João Mendes Sachetti Barbosa, que, ainda que não tendo saído de Portugal, escreveu a obra *Considerações Médicas*, colaborou nas *Philosophical Transactions* e manteve correspondência com Sarmiento até à morte deste e depois com Emanuel Mendes da Costa, secretário da Royal Society e com outros elementos de outras sociedades científicas da época. Terá sido o proponente de diversos nomes para as Academias Médicas portuenses e terá sido mesmo o autor dos Estatutos da Faculdade de Medicina na corrente reformista dos estudos universitários de finais de Setecentos.

De António Nunes Ribeiro Sanches é absolutamente necessário referir:

- *Método para aprender e estudar a Medicina.*
- *Carta a Joaquim Pedro de Abreu.* Este escrito está ligado à obra anterior.
- *Apontamentos para fundarse hua Universidade Real na cidade do Reyno que se achasse mais conveniente*
- *Cartas sobre a educação da mocidade.*
- *Apontamentos para estabelecerse um tribunal & Colegio de Medicina.*
- Tratado da Conservação da Saude dos Povos.

Para além destes, é consulta de referência a Biografia de Ribeiro Sanches, escrita por Andry, seu amigo e colega, com quem muito conviveu e a quem prestou o seu apoio como clínico e que foi o fiel depositário dos seus manuscritos e de obras da sua biblioteca.

De Luís António Verney será, por necessário, reter *O verdadeiro método de estudar.*

Existindo a ideia, consubstanciada por diversos autores, de que os estrangeirados constituíram verdadeiros canais difusores entre nós dos conteúdos da revolução científica e do programa das Luzes e que, sendo Portugal periférico relativamente aos centros emissores dessas novidades, aqui chegariam as novidades do conhecimento, não por sua extensão directa, primeiramente intencionada às colónias daqueles países europeus, mas através de uma outra fórmula contida na promoção de actividades educativas, promovendo a Ciência como expressão cultural, com imagens ligadas ao racionalismo e ao progresso, importa analisar o que escreveram, quer como obras de autor, algumas das mais importantes já referenciadas neste texto, quer como artigos de jornal, quer com outro tipo de contribuições, como a elaboração de Estatutos, atrás referidos, quer através de intervenções nas sessões académicas, quer como material epistolar. Lamentavelmente, ainda não nos foi possível aceder aos conteúdos dos últimos, pelo que não se podem enumerar.

Das fontes a utilizar, impressas, farão parte também os textos escritos e publicados por outros autores, médicos e não só, que discorreram sobre o estado do ensino médico e o exercício profissional na visão dicotómica que foi característica da época em Portugal e vinha sendo

criticada por diversas personagens. Destes, destaque deve ser conferido a Lima Bezerra. Porque se referiu já o seu nome a propósito do movimento académico portuense de Setecentos, é de realçar a contribuição deste médico e cirurgião para o rol de textos impressos que serão fontes a consultar.

Começou cedo Lima Bezerra a intervir no panorama médico, na actividade organizativa e participativa de academias, ligadas aos temas da sua profissão e aos assuntos da sua terra natal, sendo de referir os textos:

- *Receptuario Lusitano Chymico-Pharmaceutico, Medico-Chirurgico, ou Formulario de Ensinar a Receitar em Todas as Enfermidades, Que Assaltão ao Corpo Humano*. Contem hum sellecto de cada queixa e todos os específicos, que com nomes diversos estamparão os mais famigerados escritores do universo. Porto: Oficina Prototypa Episcopal, 1749.

- *Reflexoens Criticas sobre os Escriitores Chirurgicos de Portugal... Reflexam I. Que comprehende o Universal, e parte do livro primeiro de Antonio Ferreira Lisbonense*. Salamanca: Oficina de Eugenio Garcia Honorato, 1752.

- *O Praticante do Hospital Convencido. Dialogo Chirurgico sobre a Inflamação Fundado nas Doutrinas do Incomparavel Boerhave, e Adornado de Algumas Observações Chirurgicas*. Porto: Oficina episcopal do capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1756.

As Academias Literárias e Científicas são, neste processo, elemento nuclear. Assim, será dada uma particular atenção ao teor dos respectivos estatutos, às publicações delas emanadas e às denominadas *Orações inaugurais*, por aí estarem expressas muitas das preocupações contemporâneas em relação ao estado da temática defendida pela instituição.

Os Estatutos da Real Academia Médico-Portopolitana debaixo da Augusta Protecção do Serenissimo Príncipe D. Joseph, Arcebispo, Primaz e Senhor de Braga, editada em 1749, constituem um elemento de notável análise, sendo esperado aí antever os motivos da sua constituição, objectivos científicos e outros a que se propunha, círculos em que se dividia, bases de procedimento, membros académicos admitidos e eleitos para a sua direcção, categorias em que estava feita a divisão dos mesmos, cargos desempenhados, princípios de funcionamento da Academia, laços estabelecidos com instituições congéneres, etc.

Quanto às orações inaugurais, poderemos destacar:

- *Oração Inaugural com que se abriu a Conferencia Publica que a Real Academia de Cirurgia do Porto fez celebrar os Felicissimos Annos de El-Rei Nosso Senhor*. Porto: Oficina do cap. Manuel Pedroso Coimbra, 1760.

- *Oração Inaugural com que se abriu a Conferencia Publica na Real Academia Chirurgica do Porto em dia de S. Sebastião do Anno de 1761*. Porto: Oficina do cap. Mzanuel Pedroso Coimbra, 1761.

- Outra oração pronunciada em 1762.

Memórias cronológicas e críticas, diários informativos e colectâneas de crónicas e polémicas serão peças essenciais na nossa investigação. Destaque-se, a título exemplificativo:

- *Memorias Chronologicas e Criticas para a Historia da Cirurgia Moderna ou Noticia dos Principaes Progressos, Revoluçoens, Descobrimentos, Seytas, Privilegios, Academias, Obras Impressas e Varoens famosos da Cirurgia desde a Conquista de Constantinopla pelos Turcos, até o Tempo Presente*. Porto: Oficina do cap. Manuel Pedroso Coimbra, 1762. Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1779.

- *Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc. Contem os Discursos e Observações trabalhados pelos Academicos das Duas Academias Medica e Cirurgica do Porto*. Lisboa: Oficina Patriacal de Francisco Luiz Ameno, 1764. Lisboa: Regia oficina typografica, 1772.

- *Reposta às Duas Cartas com que o Cirurgiam portuguez Assistente em Londres, Fingio responder às Outras Duas, Que se Tinham Escrito ao A. da Gazeta Litteraria, sobre os Reparos que Este fez à Oraçam Inaugural. Recitada na Real Academia de Cirurgia Portuense em 20 de Janeiro de 1761. Mostram-se os erros, e imposturas dos AA. Da Gazetta e das cartas expostas em outras que escreve ao dito cirurgiam portuguez hum praticante de cirurgia, assistente na cidade do Porto. Carta primeira.* Barcelona: Pablo Serràs, 1765.

- *Os Estrangeiros no Lima ou Conversações Eruditas sobre Varios Pontos de Historia Ecclesiastica, Civil, Litteraria, Natural, Genealogica, Antiguidades, Geographia, Agricultura, Commercio, Artes e Sciencias, etc.* 2 Tomos. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1785 e 1791.

- *Memoria I remetida por um zeloso patriota residente na cidade do Porto aos senhores Editores do Jornal encyclopedico, sobre o conceito que ele forma da obra Bibliotheca Elementar noticiada no caderno do mesmo jornal do mez de Agosto deste anno de 1788.* No Jornal Encyclopedico de Maio e Junho de 1789.

Em paralelo, os sucessivos números do *Jornal de Coimbra*, serão de consulta obrigatória, também porque este passou a ser o órgão oficial de controlo nacional do estado da Medicina pela publicação das chamadas *Contas dos Médicos*, relatos dos casos clínicos, patologias diagnosticadas, terapêuticas utilizadas e resultados obtidos.

Ainda no âmbito dos periódicos, é preciso referir o *Archivo de Historia da Medicina Portuguesa*, a *Medicina Contemporanea*, a *Gazeta de Lisboa*, a *Gazeta Literária*, o *Zodiaco Lusitano Delphico*, o *Diario Universal de Medicina*, *Cirurgia*, *Pharmacia*, e o *Jornal Encyclopédico*, indispensáveis à percepção e ao conhecimento do ambiente médico da época, às publicações que iam surgindo dentro e fora de portas, aos movimentos científicos internacionais, às academias científicas e suas propostas, aos nomes de médicos e cirurgiões famosos, suas descobertas e actividades, e à repercussão além-fronteiras de congéneres nacionais, que também os houve.

Perseguindo o tipo de procura esboçado, é de crer que outros textos de autores diversos dos mencionados, portugueses e estrangeiros, venham a servir fins idênticos. Crê-se que alguns mais venham a ser detectados no decorrer da procura que se vem fazendo, mas é justo e conveniente acrescentar à lista mencionada a obra *Aviso ao Povo Sobre a Sua Saude*, por Mr. Tissot, *traduzido do francez sobre a ultima edição de Paris, revista e emendada pelo mesmo author e oferecida ao Senhor Bispo de Beja, Presidente da Real Meza Censória*, numa 2ª edição datada de 1777 – com o interesse particular de o título ser muito aproximado ao que Ribeiro Sanches deu a uma sua obra editada em Paris, no ano de 1761 e que, pela proximidade de datas, projecção internacional e científica dos autores, poderá trazer contributos notáveis sobre duas visões da problemática da saúde pública, a dar os seus primeiros passos. Uma outra, de nome *Aphorismos de Medicina e Cirurgia*, da autoria de António da Costa Paiva, Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, Sócio correspondente das Academias Médico-Cirúrgicas de Marselha, Tolosa e Montpellier, incluída numa outra de título *Miscellanea Médica* – um modelo muito em uso na época - editada no Porto em 1837 deverá ser também considerada.

Discurso sobre a arte de curar, escrito e recitado por António D'Almeida, cavaleiro da Ordem de Cristo, Cirurgião da Real Câmara, Lente de Operações no Hospital Real de S. José e membro efectivo do Real Collégio de Cirurgiões de Londres, proferido na abertura das Aulas de Cirurgia em 1815 ou os *Elementos Geraes de Chirurgia Medica, Clinica, e Legal, em que se trata de umas regras gerais e da fisiologia do corpo humano, da higiene, matéria medica, patologia e terapêutica, e de todas as operações praticáveis no corpo humano até à época presente, obra muito útil especialmente para a mocidade que se quiser entregar ao estudo da Cirurgia*, oferecida por Jacinto da Costa, delegado

do Cirurgião-mor das Armadas e primeiro cirurgião do Hospital Real Militar da Marinha e Exércitos e examinador do número em Cirurgia em 1813 a Sua Alteza Real o Príncipe Regente – são dois outros exemplos a mencionar.

É conveniente referir que estas fontes serão objecto de um levantamento prosopográfico minucioso, nomeadamente nas que se referem aos intelectuais debruçados sobre a Ciência, nacionais e estrangeiros com conhecimento adequado e duradouro de Portugal, interessados na promoção da Cultura das Luzes, devendo ser seleccionado um grupo, especialmente dedicado à Ciência /Tecnologia, como emanações da Revolução Científica, ainda que se incluam outros intervenientes com diferentes orientações, embora apostadas na modernização do país através da Ciência, como é o caso de Luís Verney.

Aludiu-se já a uma polémica tecida entre Lima Bezerra e o irmão e o director da *Gazeta Literária* a propósito de uma *Oração Inaugural* proferida pelo primeiro em uma das sessões das Academias em que esteve presente no Porto. Essa disputa alastrou-se para fora de Portugal e acabou por registar a participação de diversos autores internacionais, motivando a publicação de livros e de artigos de jornal.

A matéria para a realização do nosso trabalho tem de ser buscada naquilo que os intervenientes da época, participantes em movimentos internacionais e nacionais, com destaque para o ambiente literário e científico portuense de Setecentos, escreveram, em particular pelos veículos assinalados, e que constituem a memória do que era esse ambiente, de qual era a percepção que dele tinham, quais as críticas que formulavam, dentro e fora das fronteiras, como objectivavam o seu conhecimento e por que meios tencionavam remediar a situação.

A partir dos elementos de análise atrás expostos, contidos nas fontes que foram sendo enunciadas, é expectável vir a retirar dados que nos elucidem sobre o que terá motivado o facto de, no Porto, uma cidade em que não havia um ensino estruturado de Medicina, constituindo o da Cirurgia um conjunto de normas básicas ainda não expressas em códigos ou legislação de ponto de partida superior, um cirurgião de Ponte de Lima, movido de uma capacidade fora do comum para a época, resolver dar um primeiro passo na proposta da complementaridade dos estudos teóricos aos do exercício prático que constituía a sua profissão e, não satisfeito, parta à descoberta do conhecimento que até então estava vedado a Portugal e assimile o modo habitual da sua comunicação nos países onde se produzia.

A visão que se colhe do que foi sendo lido é que muitos factores estiveram em jogo, indo desde as questões políticas às culturais, às sociais, com destaque para os lugares preenchidos pelos diferentes agentes intervenientes na cura do corpo doente, ao poder das instituições de ensino/formação dos mesmos, ponto relevante traduzido nas lutas entre a Universidade, o Físico-Mor, o Cirurgião-Mor e a qualidade do ensino praticado naquela e no Hospital de Todos os Santos.

Espera-se que as fontes venham a fornecer dados que permitam conhecer o panorama do ensino teórico e prático entre nós, em comparação com o ministrado lá fora, apreender qual era a consciência que então tinham os médicos e cirurgiões do saber respectivo e dos profissionais afins, do seu lugar na Sociedade, do que era para cada grupo o Ser Humano e o respeito que lhe era devido, e de como seria possível melhorar o que fosse julgado perfectível.

Sabendo-se que os elementos do estudo médico teórico de então estavam a ser criticados há bastante tempo nos locais de ensino estrangeiro, espera-se vir a encontrar um movimento idêntico nas fontes aludidas, sendo expectável encontrar a referência a obras precisas que tenham sido alvo dessa crítica e a outras que estivessem já na intenção de uso com vista à substituição daquelas. A aprendizagem da Anatomia no cadáver foi um alvo perseguido e alcançado além-fronteiras. Entre nós, até que ponto existia essa consciência, por que forma era expressa e que

propostas começavam a surgir para a sua implementação? A carência de Teatros Anatómicos e de Museus de peças de anatomia vinha sendo preenchida no estrangeiro, e entre nós havia queixas nesse sentido e se as havia, como se pretendia colmatar a sua falta?

É com esperança numa resposta a estas e outras questões que se parte para a análise das fontes.

Aludiu-se à diferente posição que na hierarquia social ocupavam médicos e cirurgiões. Era isto referido nas obras a consultar? A sociedade portuguesa estava ciente dessa diferença? Aceitava-a ou propunha-a e em que bases? Este sentimento era uma imitação do que havia lá fora ou era, e de que modo, diferente? Certamente que um assunto desta dimensão não deixará de ser abordado nos textos a analisar, permitindo construir uma imagem dessa sociedade e da forma como se hierarquizava.

Fez-se uma revisão, necessariamente não exaustiva, das principais tipologias de fontes a usar, a saber, obras de autor, estatutos de organizações, discursos inaugurais de diferentes sessões de instituições de carácter científico e ligadas à Medicina, devendo ser aceites como verdadeiras Orações de Sapiência, polémicas estabelecidas entre diferentes protagonistas do pensamento científico de então e que mereceram espaço em periódicos relevantes da época como a *Gazeta Literária*, o *Jornal Enciclopédico*, *Gazeta de Lisboa* e/ou foram objecto de edições sob a forma de livros e de artigos de jornais e de publicações periódicas, e mencionaram-se exemplos das mesmas, a que foi possível ter acesso nesta fase de pesquisa.

O que se julga ou espera vir a retirar da respectiva consulta foi sendo apresentado ao longo do presente texto, devendo-se realçar que se espera vir a poder definir o ambiente cultural e científico de Setecentos no país e a consciência que os profissionais da Medicina tinham do seu estado e da necessidade que parecem ter sentido de enveredar por outro caminho; que papel tiveram os jornais e as publicações periódicas de então em todo o processo que se adivinha; de que forma foram transmitidas as novidades diversas a serem operadas na Medicina além-fronteiras e como foram assimiladas e aceites pelo público. Sabe-se que essa forma de expressão escrita chegava junto das camadas gerais da população que sabiam ler e anunciava a par de assuntos comuns factos que se desenrolavam no estrangeiro, protagonizados por cientistas e médicos de renome em exercício profissional em membros da maior aristocracia local. Interessa averiguar como tudo isso se processava e se era dada alguma notícia do estado contemporâneo desses prodígios entre nós ou seja, se tudo isso era completa novidade para nós ou se existia já algum conhecimento e se se vislumbra a reacção proposta à sua implantação em terras lusas.

Aceita-se que haja ainda muito material a descobrir, certamente incluído nas tipologias descritas, o qual será analisado de acordo com o processo metodológico delineado.

3. Situação actual do percurso de investigação

O levantamento bibliográfico julga-se adiantado, embora seja prematuro considerá-lo definitivo. Durante o semestre que ora terminou fomos surpreendidos com mais elementos, alguns acabados de ser editados, o que conduz a uma posição de cautela e vigilância.

Essa leitura, estabelecida em profundidade desigual, tem permitido delinear estratégias relativamente ao que poderá ter estado em causa no desencadear do movimento referido, permitindo colocar hipóteses que abrangem os eventuais resultados e repercussões do mesmo, se é que os houve. A bibliografia tem permitido estabelecer as eventuais fontes a trabalhar, pelo que estas têm sido enriquecidas também por aquelas sugestões bibliográficas.

Foi já iniciada a análise das fontes selecionadas com referência às obras de autor e aos periódicos *Archivos de História da Medicina Portuguesa e Medicina Contemporânea*, estes últimos a fazer parte da biblioteca do ICBAS.

Há obras e artigos de revista cujo acesso não está facilitado, o que implica um planeamento futuro de excursões a serem marcadas sem tempo definido de demora, pois desconhece-se o que se irá encontrar.

Uma falha que se sente já entre o material disponível é a da correspondência epistolar que diversos autores dizem estar perdida. É nossa intenção fazer uma pesquisa em Ponte de Lima na expectativa de aí se encontrar a referente a Lima Bezerra. Pensa-se estabelecer essa deslocação durante o próximo período de férias.

A caminhada vem-se fazendo, mas adivinham-se tempos árduos de trabalho. É preciso ler, assimilar, imaginar o que se terá passado na época com o que se conhece hoje, mas mantendo a perspectiva de então.

Bibliografia

ABREU, Jean Luiz Neves – “Higiene e Conservação da Saúde no Pensamento Médico Luso-Brasileiro do Século XVIII”, *Asclepio*, (vol. 62, nº 1, 2010), 225-250.

ABREU, Jean Luiz Neves – “Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVII”, *Topoi*, (vol. 8, nº 15, 2007), 80-104.

ABREU, Jean Luiz Neves – “O Corpo, a Doença e a Saúde: O saber médico luso-brasileiro no século XVIII” (Dissertação de Doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006).

ABREU, Jean-Luiz Neves – “Os estudos anatómicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII”, *Revista da Sociedade Brasileira de História de Ciência*, (vol. 5, nº 2, 2007), 149-172.

ABREU, Laurinda – “A especificidade do Sistema de Assistência Pública Português”, *Arquipélago*, (2ª série, vol. 6, 2002), 417- 434.

ABREU, Laurinda – “A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: entre as orientações da Coroa e os interesses privados” in *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*, eds. Adelino Cardoso, António Braz de Oliveira, Manuel Silvério Marques (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2010), 97-122.

ABREU, Laurinda – “Health and Welfare: Diversity and Convergence in Policy and Practice”, *Hygiea Internationalis*, (vol. 9, nº 1, 2010), 6-12.

ABREU, Laurinda – “Limites e fronteiras das políticas assistenciais entre os séculos XVI-XVIII: continuidades e alteridades”, *Varia Historia*, (vol. 26, nº 44, 2010), 347-371.

ABREU, Laurinda – “O papel das Misericórdias dos lugares de além-mar na formação do Império português”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, (série 3, vol. 8, 2001), 591-611.

ABREU, Laurinda – “O que ensinam os Regimentos Hospitalares? Um estudo comparativo entre os Hospitais das Misericórdias de Lisboa e do Porto (séculos XVI e XVII), a partir do Regimento do Hospital de Santa Maria Nuova de Florença” in *Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Actas do Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2 e 3 de Julho de 2009 (Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto e Alêtheia Editores, 2009), 267-285.

ABREU, Laurinda – “Políticas de caridade e assistência no processo de construção do Estado Moderno: Alguns elementos sobre o caso português” in *Las Relaciones discretas entre las monarquias hispana y portuguesa: Las Casas de las Reinas (siglos XV-XIX)*, eds. MARTINEZ

MILLÁN, José; LOURENÇO, M^a Paula Marçal (Madrid: Polifemo, 2009), Vol. II, 1451-1468.

ABREU, Laurinda – “Purgatório, Misericórdias e caridade: condições estruturantes da assistência em Portugal (séculos XV-XIX)”, *Dynamis*, (vol. 20, 2000), 395-415.

ALBUQUERQUE, Luís de – “Universidade”, in *Dicionário de História de Portugal*, (dir.), SERRÃO, Joel (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979), Vol. VI. 228-232.

ALEJO MONTES, Javier, RODRÍGUEZ GARCÍA, M^a Carmen – “Los estudios de la facultad de medicina en la Universidad de Salamanca de finales del siglo XVI”, *Espacio, Tiempo y Forma*, (série 4, Tomo 7, 1994), 37-50.

ALVES, Jorge Fernandes – *Signo de Hipócrates: O Ensino Médico no Porto segundo Ricardo Jorge* ([s.l.]: Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia, 2003).

ALVES, Jorge Fernandes, CARNEIRO, Marinha – *Olhar o Corpo. Salvar a Alma: História do hospital Geral de Santo António e do Ensino e da Prática Clínica na Instituição* (Porto: Hospital Geral de Santo António, 2007).

ANDRY, Charles-Louis- François – “Précis Historique sur la vie du Docteur Sanches”, *Catalogues des livres de Feu M. Ant. Nuñez-Ribeiro Sanches* (Paris, 1783), 1-25.

ARAÚJO, Ana Cristina – *A Cultura das Luzes em Portugal. Temas e Problemas* (Lisboa: Livros Horizonte, 2003).

ARAÚJO, Ana Cristina – “Ilustração, Pedagogia e Ciência em António Nunes Ribeiro Sanches”, *Revista de História das Ideias*, (vol. 6, Tomo I, 1984), 377-394.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – “A assistência às mulheres nas Misericórdias portuguesas (séculos XV-XVIII)” in *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Familia y organización social en Europa y América siglos XV-XX*, Murcia-Albacete, 12-14 Diciembre 2007. <http://nuevomundo.revues.org/23482> (consult. 11 mar 2011).

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – “As Misericórdias Portuguesas enquanto palcos de Sociabilidades no século XVIII”, *História: Questões & debates*, (nº 45, 2006), 155-176.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – “O Hospital do Espírito Santo de Portel na Época Moderna”, *Cadernos do Noroeste. Série História*, (serie 3, vol. 20, 2003), 341-409.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de – “Os regimentos quinhentistas dos hospitais de Arraiolos e Portel”. *Biblos*, (vol. 77, 2001), 45-170.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de; ESTEVES, Alexandra – “Healing the Body and Saving the Soul in the Portuguese Hospitals of the Early Modern Age”, *Hygiea Internationalis*, (vol. 9, nº 1, 2010), 35-52.

ARNAUT, Salvador Dias, “A Medicina” In *História da Universidade em Portugal*, Vol. I (1290-1536), ed., Comissão Nacional para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

BALLESTER, Rosa; LÓPEZ TERRADA, María Luz; MARTINEZ VIDAL, Àlvar – “La realidad de la práctica médica: el pluralismo asistencial en la monarquía hispánica (ss. XVI-XVIII). Introducción”, *Dynamis*, (nº 22, 2002), 21-28.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília – “Um olhar sobre o Corpo: O Corpo ontem e hoje”, *Psicologia e sociedade*, (vol. 23, nº 1, 2011), 24-34.

BARREIRA, Aníbal José de Barros – “A Assistência Hospitalar no Porto. 1750-1850”. (Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, 2002).

BELLINI, Lígia – “Culturas de ofício e práticas de cura na Lisboa moderna”, *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, (vol. 14, nº 2, 2007), 613-617.

BELLINI, Lígia – “Notas sobre representação do corpo e Cultura Médica no Portugal Moderno”, *Caderno CRH*, (vol. 24, nº 61, 2011), 97-108.

BORRALHO, Maria Luisa Malato – “O mito do legislador numa academia luso-espanhola”, *Península*, (2003), 401-412.

BOTO, Carlota – “A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade”, *Revista Brasileira de Educação*, (vol. 15, nº 44, 2010), 282-299.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond – “Medicina popular versus medicina universitária en el Portugal de Juan V”, *Dynamis*, (nº 22, 2002), 209-223.

BRAGA, Teófilo – *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, Tomo II (1555 a 1700)(Lisboa: Academia Real das Ciências, 1895).

CARDOSO, Adelino – “O lugar da Medicina na Revolução Científica. Revista Portuguesa de Filosofia”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, (vol. 66, Fasc. 1, 2010), 25-40.

CARMONA, Mário – *O Hospital Real de Todos-os-Santos da cidade de Lisboa* (Porto: Imprensa portuguesa, 1954).

CARNEIRO, Ana; DIOGO, Maria Paula; SIMÕES, Ana – “Imagens do Portugal Setecentista: Textos de estrangeirados e de viajantes”, *Penélope*, (nº 22, 2000), 73-92.

CARNEIRO, Ana, SIMÕES, Ana e DIOGO, Maria Paula, “Enlightenment Science in Portugal: The Estrangeirados and their Communication Networks”, *Social Studies of Science*, (série 4, vol. 30, 2000), 591 – 619.

CARNEIRO, Marinha – “Ordenamento sanitário, profissões de saúde e cursos de parteiras no século XIX”, *Revista da Faculdade de Letras: História*, (série III, vol. 8, 2007), 317-354.

CARVALHO, Augusto da Silva – *O culto de S. Cosme e S. Damião em Portugal e no Brasil: histórias das sociedades médicas portuguesas* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928).

CARVALHO, Rómulo de – *Historia do Ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011).

CARVALHO, Silva – *História da Medicina Portuguesa* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1929).

CASTIGLIONI, A. – *Histoire de la Médecine* (Paris: Payot, 1931).

COMISSÃO NACIONAL PARA A COMEMORAÇÃO DOS SETECENTOS ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA eds., – *História da Universidade em Portugal*, Vol. I (1290-1536) e Vol. II (1537-1771) ([S.L.]: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

CONDE PARRADO, Pedro – “«Por el orden de Celso»: aspectos de la influencia del De medicina en la cirugía europea del Renacimiento”, *Dynamis*, (nº 28, 2008), 217-241.

CORREIA, Maximino – “Introdução”, In *Obras*, SANCHES, António Nunes Ribeiro, Vol. II. (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966).

COSTA, A. Celestino da – *Aperçu de l'évolution de la médecine au Portugal* (Coimbra: Institut Français au Portugal, 1940).

COSTA, Palmira Fontes da; CARDOSO, Adelino eds., – *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)* (Lisboa: Edições Colibri, 2011).

COSTA, Palmira Fontes da; JESUS, António – “António Ribeiro Sanches and the circulation of Medical knowledge in eighteenth-century Europe”, *Archives Internationales D'Histoire Des Sciences*, (vol. 56, nº 156-157, 2006), 185-197.

CRESPO, Jorge – *A História do Corpo* (Lisboa: Difel, 1990).

D'ESAGUY, Augusto – “A Page from the Portuguese History of Medicine”, *O Instituto*. (vol. 108, 1946), 195-219.

DIAS, José Pedro Sousa – “Até que as Luzes os separem. Hipócrates e Galeno na literatura Médico-Farmacêutica portuguesa dos séculos XVII e XVIII” in ANASTÁCIO, Vanda; CASTRO,

Inês Ornellas eds., – *Revisitar os saberes. Referências clássicas na Cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna* (Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, FLUL e IELT, 2010), 77-88.

DIAS, José Pedro Sousa – “Jacob de Castro Sarmento e a conversão à ciência moderna” in CORREIA, C. P. (ed.) – *Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde*. (Aachen: Shaker Verlag / Instituto Rocha Cabral, 2005), 55-80.

DIAS, José Pedro Sousa – “Jacob de Castro Sarmento e a sua fuga para Londres em 1721”, *Cadernos de Estudos Sefarditas*, (nº 5, 2005), 53-61.

DUFFIN, Jacalyn – *History of medicine: a scandalously short Introduction* (Toronto: University of Toronto Press, 2010).

FONSECA, Fernando Taveira da – “A Medicina” in *História da Universidade em Portugal*, Vol. II, (1537-1771) ed., Comissão Nacional para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 841-844.

FRADE, Florbela Veiga, SILVA, Sandra Neves - “Medicina e política em dois físicos portugueses de Hamburgo”, *Sefarad*, (série 1, vol. 71, 2011), 51-94.

FRESQUET FEBRER, Jose Luis – “La práctica médica en los textos quirúrgicos españoles en el siglo XVI”, *Dynamis*, (nº 22, 2002), 251-277.

GARCÍA BALLESTER, Luis – Galenismo e enseñanza médica en la Universidad de Salamanca del siglo XV”, *Dynamis*, (nº 20, 2000), 209-247.

GARCÍA, Sebastián – “Medicina y Cirugía en los Reales Hospitales de Guadalupe”, *Revista de Estudios Extremeños*, (tomo 59, nº 1, 2003), 11-77.

GOMES, Joaquim Ferreira- “Alguns vícios da Universidade de Coimbra no Século XVII, segundo a Devassa de 1619-1624”, *Cultura. História e Filosofia*, (vol. 6, 1987), 39-54.

GONÇALVES, Iria – “Físicos e Cirurgiões Quatrocentistas. As Cartas de Exame”, *Do tempo e da História*, (nº 1, 1965), 69-112.

GONÇALVES, Iria – “Possibilidades de acesso ao médico diplomado na Beira de quatrocentos”, *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XIX*, (nº 1, 1989), 11-15.

GRAÇA, Luís – *A Arte Médica no Feminino por Graça e Mercê d’El-Rei*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos102.html> (Consult. 15 Abril 2011).

GRAÇA, Luís – *A Reforma Pombalina dos Estudos Médicos em 1772*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos66.html> (Consult. 28 Jan. 2013).

GRAÇA, Luís – *Diferenciação Socioeconómica dos Praticantes da Arte Médica até ao Século XIX*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos61.html> (Consult. 15 Abril 2011).

GRAÇA, Luís – *Evolução do Sistema Hospitalar: uma perspectiva sociológica*, http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_hospital.html (Consult. 07 out. 2012).

GRAÇA, Luís – *Físicos, Cirurgiões, Barbeiros-Sangradores, Parteiras e Outros Praticantes de artes Médicas: Uma História mais de Pudor do que de Poder*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos103.html> (Consult. 15 Abril 2011).

GRAÇA, Luís – *Quadro I – Alguns factos relevantes para a história da medicina e da saúde em Portugal, na Europa e no resto do Mundo (Da Antiguidade Clássica ao Século XX): 1. Antiguidade Clássica (Do Séc. V a. C. até ao fim do Império Romano do Ocidente)*, http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_sinopse1.html (Consult. 07 Out. 2012).

GRAÇA, Luís – *Quadro I – Alguns factos relevantes para a história da medicina e da saúde em Portugal, na Europa e no resto do Mundo (Da Antiguidade Clássica ao século XX): 2. Idade Média (477-1477)*, http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_sinopse1.html (Consult. 07 OUT. 2012).

GRAÇA, Luís – *Quadro I – Alguns factos relevantes para a história da medicina e da saúde*

em Portugal, na Europa e no resto do Mundo: 3. Renascença e início da construção do estado Moderno (1479-1620), http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_sinopse3.html (Consult. 07. Out. 2012).

GRAÇA, Luís – *Quadro I – Alguns factos relevantes para a história da medicina e da saúde em Portugal, na Europa e no resto do Mundo (Da Antiguidade Clássica ao Século XX): 4. Antigo Regime (1622-1807)*, http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_sinopse4.html (Consult. 07 Out. 2012).

GRAÇA, Luís – *Quadro I – Alguns factos relevantes para a história da medicina e da saúde em Portugal, na Europa e no resto do Mundo (Da Antiguidade Clássica ao Século XX): 5 Século XIX*, http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia2_sinopse5.html (Consult. 07 Out. 2012).

GRAÇA, Luís – *Saúde e Terror no antigo Regime*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos33.html> (Consult. 15 Abril 2011).

GRAÇA, Luís – *Vale Mais um Ano de Tarimba que Dez de Coimbra*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos13.html> (Consult. 25 Abril 2011).

GRAÇA, Luís; GRAÇA, J. – *História das Misericórdias Portuguesas. Parte I*, <http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos58.html> (Consult. 15 Abril 2011).

GRANJEL, Mercedes, “Médicos y Redes Sociales. Mecanismos de Poder de la Profesión Médica en el Siglo XVIII”, *Asclepio*, (vol. 64, nº 2, 2012), 435-466.

GRMEK, Mirko D. (dir.), *Histoire de la pensée médicale en Occident*, 2 Vols. (Paris: Éditions du Seuil, 1995).

GUERRA, João Pedro Miller – “A Reforma Pombalina dos Estudos Médicos” in *Pombal revisitado: comunicações ao Colóquio Internacional/organizado pela Comissão das Comemorações do 2º Centenário da morte do Marquês de Pombal*, eds., SANTOS, Maria Helena Carvalho dos (Lisboa: Editorial Estampa, 1984).

JORGE, Ricardo, *Amato Lusitano. Comentários à sua vida, obra e época* (1ª ed. Lisboa: Editorial Minerva, 1908).

JUNIOR, Maximiano Lemos – *A Medicina em Portugal até aos fins do Século XVIII* (Porto: Imprensa Comercial, 1881).

LEMOS, Júlio de – “O limianista Doutor Lima Bezerra”, *O Instituto*, (vol. 111, 1948), 323-384.

LEMOS, Maximiano Lemos, “Amigos de Ribeiro Sanches”, *Arquivo Histórico Português*, (vol. 8,1910), 3-93.

LEMOS, Maximiano – “Amigos de Ribeiro Sanches”, *News Letter – Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste*, (Nº 2, 2000) 7-11.

LEMOS, Maximiano – “Amigos de Ribeiro Sanches”, *News Letter – Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste*, (Nº 4, 2000), 2-3.

LEMOS, Maximiano – “Amigos de Ribeiro Sanches”, *News Letter – Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste*, (Nº 5, 2001), 6-11.

LEMOS, Maximiano – “Amigos de Ribeiro Sanches”, *News Letter – Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste*, (Nº 6, 2001), 4-10.

LEMOS, Maximiano – “Amigos de Ribeiro Sanches”, *News Letter – Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste*, (Nº 7, 2002), 9-15.

LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, 2 vols. (Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 1991).

LEMOS, Maximiano – *História do Ensino Médico no Porto: Suplemento coordenado por Hernâni Monteiro* (Porto: Typ. a vapor da “Enciclopédia Portuguesa”, 1925).

LEMOS, Maximiano – “Notícia histórica da Escola Médica do Porto”, *O Tripeiro*, (vol. 2º, nº 68, 1910), 503.

LEMOS, Maximiano – “Notícia histórica da Escola Médica do Porto”, *O Tripeiro*, (vol. 2º, nº 69, 1910), 523-525.

LEMOS, Maximiano – “Notícia histórica da Escola Médica do Porto”, *O Tripeiro*, (vol. 2º, nº 70, 1910), 533-534.

LEÓN SANZ, Pilar – “Las Consultas Médicas en la España del Siglo XVIII: Razones de su existencia”, *Asclepio*, (vol. 54, nº 2, 2002), 61-82.

LEÓN, Pilar – “La consulta médica. Una práctica de la medicina en el siglo XVIII”, *Dynamis*, (nº 22, 2002), 279-302.

LIMA, J. A. Pires de – *Epítome de História da Medicina Portuguesa* (Porto: Portucalense Editora, 1943).

LINDEMANN, Mary – *Medicina e Sociedade no início da Europa Moderna. Novas abordagens da História Moderna* (Lisboa: Replicação, 2002).

LÓPEZ TERRADA, María Luz – “El control de las prácticas médicas en la monarquía hispánica durante los siglos XVI y XVII: el caso de la Valencia rural”, *Cuadernos de Historia de España*, (vol. 81, 2007), 91-112.

LÓPEZ TERRADA, María Luz – “El pluralismo médico en la Valencia foral. Um exemplo de curandeirismo”, *Estudis*, (nº 20, 1994), 167-182.

MARTINS, António Coimbra – “Sanches, António Nunes Ribeiro” in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. V, dir. SERRÃO, Joel (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979), 434-438.

MARTINS, António Coimbra – “Vernei, Luís António” in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. VI, (dir.), SERRÃO, Joel (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979), 271-279.

McCLEERY, Iona – “Opportunities for Teaching and Studying Medicine in Medieval Portugal before the Foundation of the University of Lisbon (1290)”, *Dynamis*, (nº 20, 2000), 305-329.

Mc VAUGH, Michael – “Surgical Education in the Middle Ages”, *Dynamis*, (nº 20, 2000), 283-304.

MIRA, M. Ferreira de, *História da Medicina Portuguesa* (Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1947).

MONTEIRO, Hernâni - *História da Cirurgia Portuense* (Porto: Araújo & Sobrinho, 1926).

MONTEIRO, Hernâni – *Origens da Cirurgia Portuense* (Porto: Araújo & Sobrinho, 1926).

MONTEIRO, Hernani, “Biografia de Maximiano Lemos” In LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, Vol. II (Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 1991), 301-315.

MOTA, Isabel Ferreira da – *A Academia Real da História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no séc. XVIII* (Coimbra: Edições Minerva, 2003).

PANADERO DÍAZ, Matilde – “Del pluralismo médico a la profesionalización de la Medicina”, *Anduli*, (Nº 5, 2006), 32-42.

PARDO TOMÁS, José; MARTÍNEZ VIDAL, Àlvar– “Las consultas y juntas de médicos como escenarios de controversia científica y práctica médica en la época de los novatores (1687-1725)”, *Dynamis*, (nº 22, 2002), 303-325.

PEQUENO, A. Branquinho – “Corpo, Cirurgia e Macrocosmos na aurora da Época Moderna e a herança grega: Ideologias e Conjurações”, *Cultura. História e Filosofia*, (vol. 5, 1986), 271-288.

PEREIRA, José Esteves – “O pensamento económico de Manuel Gomes Lima Bezerra”,

Cadernos Vianenses, (Tomo 18, 1995), 193-203.

PESET, José Luis – “Academias y ciencias en la Europa Ilustrada”, *Península*, (2003), 391-400.

PINA, Luís de – “A Medicina Portuguesa no Século XV (Alguns Breves capítulos)”, *Studium Generale*, (vol. VII, 1960), 388- 531.

PINA, Luís de – *Medicina e Médicos*, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, dir., SERRÃO, (Porto: Iniciativas Editoriais, 1979).

PINA, Luís de – “Ciência” in PERES, Damião, *História de Portugal* (Barcelos: Portucalense Editora, 1934), 493-548.

PITA, João Rui – *Farmácia, Medicina e Saúde Pública em Portugal (1772-1836)* (Coimbra: Minerva Editora, 1996), 13-35.

PUERTA, José Luis – “Andrés Vesalio. La reconciliación de la mano con el cerebro”, *ArsMedica*, (2004), 74-95.

RAMOS, Luís A. de Oliveira – “A Universidade de Coimbra”, in *História da Universidade em Portugal*, Vol. II, (1537-1771) ed., Comissão Nacional para a Comemoração dos Setecentos Anos da Universidade de Coimbra (Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

RAMOS, Luís de Oliveira – “Do Hospital Real de Todos os Santos à História Hospitalar Portuguesa”, *Revista da faculdade de Letras- História*, (série II. Vol. 10, 1993), 333-350.

REBOLLO, Regina Andrés – “A Escola Médica de Pádua: medicina e filosofia no período moderno”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, (vol. 17, nº 2, 2010), 307-311.

REIS, Andreia – *A Circulação de Informação Médica. Análise da revista médica “A Medicina Moderna (1894-1898)* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 2009).

REIS, Fernando – “João Mendes Sacheti Barbosa (1714-1773/4?)”, *Ciência em Portugal. Personagens e Episódios*, (Lisboa: Instituto Camões, 2003). <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p3.html> (Consult. 10 Jan. 2013).

RIBEIRO, José Silvestre - *Historia dos Estabelecimentos Científicos Litterarios e Artísticos de Portugal Nos Sucessivos Reinados da Monarchia* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871 e 1872), Vols I e II.

RICON-FERRAZ, Amélia – “Os Estudos Médicos em Portugal após a Reforma Pombalina”, *Colóquio/Letras*, (nº 13, 1993), 67-90.

RIERA PALMERO, Juan; ALBI ROMERO, Guadalupe – “El Avicenisimo Renacentista en la Universidad de Salamanca”, *ILUIL*, (vol. 27, 2004), 705-745.

RÜEGG, Walter; RIDDER-SYMOENS, Hilde – *Uma história da Universidade na Europa: As Universidades na Idade Média* ([S.I.]: CRUP, Fundação Eng. António de Almeida, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996).

RÜEGG, Walter; RIDDER-SYMOENS, Hilde – *Uma história da Universidade na Europa: As Universidades na Europa Moderna* ([S.I.]: CRUP, Fundação Eng. António de Almeida, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002).

RUPP, Jan C. C. – Michel Foucault, a Política do Corpo e a Expansão da anatomia Moderna, *PHYSIS*, (Vol. 3, Nº 2, 1993), 7-42.

SÁ, Isabel dos Guimarães – “As Misericórdias nas Sociedades Portuguesas do Período Moderno”, *Cadernos do Noroeste. Série História*, (vol. 15, (1-2) 2001), 337-358.

SÁ, Isabel dos Guimarães – *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal* (Lisboa: Livros Horizonte, 2001).

SÁ, Isabel dos Guimarães – “As Misericórdias: monarquia, senhorios e comunidades locais

no reinado de D. Manuel I” in *Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Actas do Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2 e 3 de Julho de 2009 (Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto e Alêtheia Editores, 2009), 207-221.

SÁ, Isabel dos Guimarães – “Devoção, Caridade e Construção do Estado ao tempo de D. Manuel I: o exemplo das Misericórdias” in *III Congresso Histórico de Guimarães – D. Manuel e a sua época* (Guimarães: Camara Municipal de Guimarães, 2004), 317- 329.

SÁ, Isabel dos Guimarães – “Justiça e Misericórdia (s). Devoção, Caridade e Construção do Estado ao tempo de D. Manuel I”, *Penélope*, (nº 29, 2003), 7-31.

SÁ, Isabel dos Guimarães – “Os Hospitais portugueses entre a assistência medieval e a intensificação dos cuidados médicos no período moderno”, in *Actas do congresso Comemorativo do V Centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora* (Évora: Hospital do Espírito Santo de Évora, 1996), 87-103.

SANCHES, António Nunes Ribeiro, *Obras*, 2 Vols. (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959 e 1966),

SANTOS, Cândido dos – *História da Universidade do Porto* (Porto: Universidade do Porto, 2011).

SANTOS, Filipe Donato Vasconcelos dos – “Contributos para o estudo dos cirurgiões no Porto, no século XVIII”, *Revista da Faculdade de Letras. História* (série III, vol. 2, 2001), 145-165.

SANTOS, Georgina Silva dos – “A Arte de Sangrar na Lisboa do Antigo Regime”, *Tempo*, (nº 19, 2005), 43-60.

SILVA, J. Martins e – “Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911”, *Revista da Faculdade de medicina de Lisboa*, (série III, vol. 7, 2002), 237-249, 305-314.

SOURNIA, Jean-Charles – *História da Medicina* (Lisboa: Instituto Piaget, 1995).

SOUSA, M. Leonor Machado de – “English surgery and Portugal”, *Journal of the Royal Society of Medicine*, (vol. 78, nº 3, 1985), 240-252.

TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Experimentalismo, Iluminismo e Fisiocratismo na Obra de um Cirurgião Moderno”, *Revista da Faculdade de Letras -Linguas e Literaturas*, (vol 5, nº 2 (1988), 517-548.

TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Manuel Gomes de Lima Bezerra: o discurso ilustrado pela dignificação da cirurgia”, *Península*, (nº 5, 2008), 83-91.

TAVARES, Pedro Vilas Boas – “O autor de Os Estrangeiros no Lima: vida e obra de um homem de ciência” in BEZERRA, Manuel Gomes de Lima, *Os estrangeiros no Lima* (Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1992), 13-21.

VALENZUELA CANDELARIO, José – “La apropiación de un espacio asistencial por una élite profesional. Los Médicos del Hospital Real de Granada en el siglo XVI”, *Asclepio*, (vol. 60, nº 1, 2008), 177-202.